

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP  
Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação – FAAC  
Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo

**Relatório do Livro**  
**Pelé x Bauru**  
**A relação de amor e desamor entre o Rei do Futebol e a Cidade**  
**Sem Limites**

Aluno: Fernando Trindade  
Aluno: Matheus Ramalho Orlando  
Orientador: Prof. Dr. José Carlos Marques

Bauru  
2012

Fernando Trindade  
Matheus Ramalho Orlando

**Relatório do Livro**  
**Pelé x Bauru**  
**A relação de amor e desamor entre o Rei do Futebol e a Cidade**  
**Sem Limites**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado pelos alunos Fernando Trindade, RA 931331, e Matheus Ramalho Orlando, RA 931251, como exigência do curso de Jornalismo na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), na Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, câmpus Bauru, sob orientação do professor Dr. José Carlos Marques.

Bauru  
2012

**Pelé x Bauru**  
**A relação de amor e desamor entre o Rei do Futebol e a Cidade Sem**  
**Limites**

Fernando Trindade  
Matheus Ramalho Orlando

Aprovada em: \_\_/\_\_/\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

José Carlos Marques  
Professor Doutor – UNESP

---

Ângelo Sottovia Aranha  
Professor Doutor – UNESP

---

Alessandro Jodar  
Jornalista Repórter- TV TEM Bauru

CONCEITO FINAL: \_\_\_\_\_

## SUMÁRIO

|                                       |       |
|---------------------------------------|-------|
| <b>1 INTRODUÇÃO</b>                   | p. 5  |
| <b>2 JUSTIFICATIVA</b>                | p. 7  |
| <b>3 OBJETIVOS</b>                    | p. 9  |
| <b>4 DESENVOLVIMENTO</b>              | p. 11 |
| <b>5 REVISÃO DE LITERATURA</b>        | p. 16 |
| <b>6 METODOLOGIA</b>                  | p. 19 |
| <b>7 PERFIL DO LEITOR</b>             | p. 21 |
| <b>8 DIFERENCIAIS E PONTOS FORTES</b> | p. 23 |
| <b>9 LINGUAGEM</b>                    | p. 24 |
| <b>10 PROJETO GRÁFICO</b>             | p. 25 |
| <b>11 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>        | p. 27 |
| <b>REFERÊNCIAS</b>                    | p. 29 |

## 1 INTRODUÇÃO

Edson Arantes do Nascimento é mineiro, natural de Três Corações, cidade pacata do interior do estado. Veio para Bauru com apenas quatro anos de idade e por aqui viveu durante onze anos de sua vida, onde, inclusive, ganhou o apelido de Pelé. Depois, em 1956, seguiu para Santos e iniciou a trajetória futebolística pelo time da Vila Belmiro. Hoje, Pelé é mundialmente reconhecido pelos seus feitos dentro dos gramados e por muitos especialistas é considerado o melhor jogador de futebol que já existiu.

Até quem nunca o viu jogar já sabe de cor os principais lances, gols, dribles e feitos que deram origem à alcunha de Atléta do Século. Há, porém, um distanciamento entre a cidade de Bauru e o Rei do Futebol. Foi nesta cidade que Pelé deu os primeiros chutes, esquecidos durante e após sua carreira. É pensando nisso que surgiu a ideia do projeto, que pretende desvendar se realmente existe esta página em branco, que é a passagem de Bauru na vida de Pelé.

Os veículos de comunicação da cidade pouco exploram esta situação e faltam estudos específicos sobre o tema, tanto em âmbito regional, como nacional. Um dos únicos livros que abordam a passagem de Pelé por Bauru é “De Edson a Pelé - a infância do Rei em Bauru”, de Luiz Carlos Cordeiro. No entanto, a obra não trata da polêmica questão.

Para tentar solucionar este mistério, entrevistamos pessoas que conviveram com Pelé na infância dele em Bauru, assim como historiadores bauruenses e a mídia local. Durante cinco meses de realização de entrevistas e busca de acervos históricos, conseguimos colher um vasto material sobre a infância de Pelé em Bauru, como as polêmicas questões que permanecem inexplicadas, a exemplo da casa da família de Pelé na Rua Sete de Setembro, que se encontra abandonada ou até mesmo a questão do racismo em Bauru envolvendo o ex-jogador.

O último registro que Pelé esteve em Bauru foi em 1975 para receber o título de Cidadão Bauruense. Portanto, mais de 35 anos se passaram sem que Pelé retornasse à cidade onde começou a jogar futebol. Ouvimos

explicações dos amigos mais próximos que isso se deve à agenda corrida, pois Pelé é um cidadão do mundo. Outros preferem dizer que Pelé não volta para Bauru porque não tem o que fazer aqui, já que sua família deixou a cidade há quase 50 anos. Por fim, também dizem que ele esteve na cidade quando recebeu a última homenagem, mas depois disso nunca mais foi lembrado pelo poder público municipal.

Pelé completou 72 anos recentemente. Assim como ele, os amigos que moram em Bauru estão ficando velhos e é possível que o retorno não se consolide e o último passo de Pelé em terras bauruenses tenha sido há 37 anos.

## 2 JUSTIFICATIVA

O nome de Pelé está vinculado ao seu país de origem de uma maneira muito forte. Todos os seus feitos e conquistas são reconhecidos mundo afora e a imagem que o ex-jogador leva para os diversos cantos da Terra é positiva, de alguém vitorioso, um exemplo a ser seguido.

O fato de uma atleta de futebol de reconhecimento internacional ter dado os primeiros passos da carreira em Bauru nos chamou atenção por alguns motivos. Primeiro, porque os autores deste livro não são da cidade e consideram um orgulho poder falar que moram no local onde Pelé deu os primeiros chutes em uma bola. Segundo porque Bauru pouco explora isso. Seja culturalmente ou economicamente. Com o nome de Pelé, Bauru conseguiria tirar proveito econômico caso tivesse um acervo histórico, um atrativo para angariar turistas do mundo todo.

Podemos citar o exemplo de Varginha, em Minas Gerais, onde a suposta aparição de um extra-terrestre alterou a pacata rotina da cidade e os administradores souberam tirar proveito disso. Em qualquer lugar que se fale de Varginha, vem a imagem de um Extra-Terrestre na cabeça. Isso é ruim? Pelo contrário. Acreditamos que o turismo no local tenha crescido consideravelmente depois das histórias e do apelido que a cidade ganhou.

Se perguntarmos de maneira aleatória a qualquer pessoa o que ela conhece de Bauru, na maioria das vezes a resposta será: O lanche. Não que isso não seja importante, que não seja um mérito para cidade e que não deva ser explorado. Há sim uma grande importância culinária e histórica para Bauru ser lembrado pelo sanduíche. Mas, ficaríamos mais satisfeitos se as pessoas se retratassem de Bauru como sendo a cidade onde Pelé iniciou a carreira.

Foi pensando nisso que tivemos a ideia do Trabalho. Por que existe um distanciamento entre ambas as partes? Quais os motivos para isso acontecer? Por que Bauru não tira proveito econômico da situação, como, por exemplo, implantando um museu? Por que Pelé não pisa na cidade há mais de 37 anos? Por que a última homenagem que ele recebeu também foi há mais de três décadas? Por que moradores da cidade têm ódio de Pelé? Por que a história dele na cidade foi esquecida? Os mais jovens sabem quem é Pelé,

logicamente, mas não fazem ideia que ele deu uma 'passadinha' de 11 anos por Bauru.

Para tentar descobrir a resposta para todas as perguntas acima, colhemos depoimento das pessoas que conviveram com Pelé durante os anos em que ele esteve por Bauru, ouvimos relatos e tivemos acesso a registros históricos e conversamos com a esfera pública bauruense para a realização deste trabalho.



### **3 OBJETIVOS**

Em linhas gerais, para melhor compreensão do que este projeto propõe, dividimos seus objetivos em geral e específicos.

#### **3.1 Objetivo Geral**

O livro-reportagem “Pelé e Bauru - a relação de amor e desamor entre o Rei do Futebol e a Cidade Sem Limites” tem o objetivo de analisar se realmente existe um distanciamento entre Pelé e a cidade onde ele deu os primeiros chutes em uma bola e iniciou a carreira.

Para isso, entramos em contato com pessoas que pudessem comentar e opinar sobre o assunto. Nossos entrevistados foram antigos amigos de Pelé, jornalistas que participaram da cobertura da passagem do Atleta do Século XX por Bauru, jornalistas mais novos que chegaram depois, professores universitários, historiadores e representantes do poder público municipal.

#### **3.2 Objetivos Específicos**

- Tendo em vista que em Bauru dezenas de pessoas dizem ter convivido com Pelé, foi necessário realizar uma filtragem entre todos os possíveis entrevistados do projeto. Com isso, o objetivo é oferecer ao leitor informações verdadeiras sobre a passagem do Rei do Futebol em Bauru.

- Promover uma cobertura diferenciada sobre a história de Pelé em Bauru, fugindo da prática do jornalismo esportivo convencional. Para isso, recursos narrativos e literários foram utilizados para a elaboração de uma grande reportagem.

- Constatar que existe, de fato, um afastamento entre a cidade de Bauru e Pelé.

- Levantar os motivos do distanciamento entre a Cidade Sem Limites e o Rei do Futebol.

- Evidenciar, dentro do livro, que algumas declarações fazem parte da opinião dos entrevistados e não são, necessariamente, fatos históricos.

- Explicitar o impacto que Pelé causou na vida de alguns bauruenses e o orgulho que essas pessoas sentem pelo fato de terem sido amigas e convivido com um dos melhores jogadores de futebol da história.

- Sugerir medidas que possibilitem a reaproximação entre Bauru e aquele que talvez seja seu filho mais ilustre: o Rei do Futebol.

- Contribuir para a melhoria dos produtos jornalísticos no âmbito do Jornalismo Esportivo, especificamente na produção de reportagens sobre Pelé e sua história em Bauru.

## 4 DESENVOLVIMENTO

Assim que foi definido o tema de nosso trabalho, começamos a pensar na maneira que iríamos colocar em prática tudo aquilo que havia sido planejado, além de definir os entrevistados que responderiam às indagações que tínhamos a respeito de Pelé e Bauru. Dessa forma, pensamos em nomes de pessoas com íntima ligação com a cidade ou com o ex-jogador.

Definimos, então, nossos entrevistados da seguinte maneira:

*Pessoas que conviveram com Pelé:* Colhemos relatos de quem conviveu com Pelé durante os 11 anos que ele passou por Bauru. Ouvimos ex-jogadores e amigos íntimos do Rei do Futebol, com o objetivo de colher informações preciosas daqueles que tiveram a oportunidade de conhecer Pelé antes da fama, em Bauru, conhecer um rapaz humilde que jogava bola por diversão e encontrava dificuldades na vida como qualquer outra pessoa. Ao todo, foram sete entrevistados com as características acima citadas que contribuíram imensamente com este livro-reportagem.

*Historiadores bauruenses:* Com o intuito de saber mais sobre Bauru e também sobre a passagem de Edson Arantes do Nascimento pela cidade, ouvimos três historiadores que possuem registros e acervos históricos, além, obviamente, de relatos sobre como era e como é a relação entre Pelé e Bauru, e do impacto histórico e econômico que isto traz para a cidade.

*Jornalistas que trabalham em Bauru:* Não poderíamos fazer este trabalho sem ouvir as pessoas que registraram as passagens de Pelé por Bauru, através de jornais, revistas e documentários da época e também daqueles que hoje reproduzem notícias relacionadas ao rei do Futebol e a cidade Sem Limites. Para isso, dividimos os jornalistas bauruenses em dois grupos: os antigos jornalistas e os novos. No primeiro grupo, colhemos depoimentos de como era a cobertura na época que Pelé jogou futebol em terras Bauruenses. Já no segundo, analisamos as opiniões de jovens jornalistas que, assim como os escritores do livro, não viram Pelé jogar, mas convivem diariamente com o jornalismo esportivo da cidade e sabem da passagem do Rei do futebol por Bauru.

*Poder Público:* Diante do impasse envolvendo o reconhecimento da cidade para homenagear Pelé, nos vimos na obrigação de ouvir o lado da esfera pública, ou seja, a prefeitura da cidade, a fim de descobrir o porquê de ainda não existir um museu, acervo histórico, estátua ou qualquer homenagem que retrate a passagem do Atleta do Século XX por Bauru.

Já com os entrevistados em mente, passamos a fazer o contato com cada fonte, de forma aleatória, para dar início ao nosso trabalho. Os contatos, em sua maioria, foram por telefone, onde pré-agendávamos a entrevista de acordo com a disponibilidade de cada entrevistado. Alguns contatos foram feitos por e-mail, mas todas as entrevistas, sem exceção, foram realizadas pessoalmente.

Utilizamos um gravador de som em todas as entrevistas, assim como uma máquina fotográfica, para registrar fotos dos entrevistados e do material que nos apresentaram. Buscamos, de certa forma, evitar expor em demasia o gravador, para não comprometer ou intimidar os relatos de nossos personagens.

## **4.1 Dificuldades**

É possível elucidar as dificuldades encontradas na realização do projeto em duas categorias:

### **4.1.1 Dificuldades Específicas**

Durante todo o processo de entrevistas, pudemos nos deparar com dificuldades envolvendo nossas fontes, seja para conseguir o contato, para agendar a entrevista ou para chegar até ela. Os contatos de telefone de nossos entrevistados muitas vezes não eram o mesmo que constavam na lista telefônica, na internet ou até mesmo pela informação de outras pessoas ou fontes.

Quando foi pensado o tema para nosso livro-reportagem, vários amigos e jornalistas apontaram determinadas pessoas como sugestão para entrevistas. Porém, muitas destas pessoas já haviam morrido, mudado de cidade ou então não gozavam de boa saúde para poder contribuir com um depoimento.

Um ponto que vale a pena ser citado é a questão da agenda de determinadas fontes. Entrevistar o prefeito Rodrigo Agostinho em época de campanha eleitoral foi impossível. Além de gravações de entrevistas, encontro com políticos e compromissos de campanha, Rodrigo tinha uma agenda muito agitada, com viagens à São Paulo, encontros em Brasília, e reuniões em Bauru. Somente depois do término da campanha eleitoral e da reeleição de Rodrigo, é que conseguimos um espaço na agenda para falar com ele.

Outra dificuldade encontrada foi em relação aos relatos dos entrevistados. Houve conflito de datas, por exemplo, entre duas fontes de nosso livro-reportagem – um historiador e um amigo de infância de Pelé. Em determinado momento, ambos relatavam sobre uma partida que aconteceu entre Santos e Noroeste, onde Pelé jogou uma bela partida pelo time da baixada santista e saiu vitorioso. Para o historiador, o ano era de 1963, enquanto para o amigo de Pelé, 1975. No fim, através de documentos, vimos que quem estava certo era o historiador.

Não podemos deixar de citar a tentativa de falar com Pelé. Sabemos da dificuldade de encontrá-lo devido à agenda internacional que ele tem. Porém, tentativas não faltaram. Enviamos e-mails e ligamos várias vezes no telefone de seu escritório, de sua assessoria e até mesmo da irmã, a fim de colher um depoimento do Rei do futebol sobre nosso livro-reportagem. Em vão. Falamos com vinte e um entrevistados, mas faltou o mais importante deles: o próprio Pelé.

#### **4.1.2 Dificuldades na elaboração do livro**

Houve dificuldades na elaboração do livro-reportagem no que diz respeito à maneira de escrever. Deixar a escrita de maneira chamativa,

literária, que prendesse a atenção do leitor, não foi tarefa fácil. O jornalismo diário nos direciona à notícias com estruturas bem definidas e arquitetadas, que sejam objetivas e tragam clareza ao público-alvo. Estávamos acostumados ao modelo acima descrito, pois colocávamos tal escrita em prática nas aulas, oficinas, estágios e projetos de extensão da universidade.

Deixar esta herança de lado e trabalhar com as características do New Journalism, por exemplo, foi uma mudança lenta, porém prazerosa. Alteramos a maneira de escrever inicial e começamos a brincar com a narração, utilizar recursos literários, descritivos e metalinguísticos, que ao nosso ver, acrescentou muito na idealização do livro-reportagem. A linguagem, antes presa ao jornalismo corriqueiro

## **4.2 Evolução**

Inicialmente a ideia de nosso trabalho era colhetar dados históricos e depoimentos das pessoas que conviveram com Pelé em Bauru para tentar entender a relação entre a cidade e o ex-jogador. A ideia se manteve, mas expandimos algumas situações que mereceram destaque conforme fomos realizando as entrevistas.

Nossas próprias fontes levantaram algumas questões que necessitavam de um destaque, um capítulo a parte, como por exemplo o suposto caso de racismo que Pelé teria vivenciado em Bauru, quando ainda jogava pelos juniores do Bauru Atlético Clube. Outro fato que ganhou destaque foi o título de cidadão bauruense que Pelé recebeu. Partindo do relato de alguns amigos de Pelé que moram em Bauru, onde descreveram o fato com emoção, vimos a importância de retratar o dia em que Edson Arantes veio receber a homenagem na cidade, em 1975.

Há ainda, a questão sobre a casa de Pelé na rua Sete de Setembro. A princípio não iríamos abordar a esfera pública para tratar sobre o tema, mas nos vimos na obrigação, até para saber como está a situação jurídica da casa em que Dondinho e Dona Celeste, pais de Pelé, moraram.

Além disso, com os primeiros entrevistados, fizemos indagações pertinentes e outras nem tanto, que ao passar do tempo foram sendo excluídas de nosso caderno de perguntas. Outras questões, porém, foram inseridas. Dessa forma, conseguimos reunir o maior número de informações em um espaço menor de tempo.

De modo geral, percebemos uma grande evolução em todo o material que foi coletado e as questões que no livro foram tratadas. A partir do tema “Bauru x Pelé”, encontramos outros assuntos que mereciam uma atenção particular e que ajudaram imensamente a ampliar a abordagem do livro.

## 5 REVISÃO DE LITERATURA

A escolha do livro-reportagem para a realização do trabalho foi pensada para aprofundar a relação entre Pelé e Bauru. Nas mídias convencionais, como impresso, rádio e televisão, quando existe alguma matéria sobre o tema, vemos que a notícia não aprofunda questões necessárias para informar o receptor em todos os aspectos possíveis a respeito do assunto.

Isto acontece porque não existe espaço para o aprofundamento de uma notícia no jornalismo diário. A rapidez de informação e a necessidade de informar o leitor com textos cada vez mais enxutos, contribuem para intensificar este problema.

O livro-reportagem não estando, como não está, preso à rotina industrial dos veículos periódicos, tem o potencial em teoria, para se livrar da captação premida pelo tempo; estando liberto da objetividade reducionista e puramente tecnicista que habitualmente impera na imprensa regular, pode, em tese, experimentar novas formas de captação, expandir o leque de consulta, criar novas maneiras de interação entre o repórter e entrevistados, munir-se de instrumentos inovadores na observação do real em suas múltiplas complexidades, já que, em princípio, não há necessidade de submeter a um 'gosto médio' (LIMA, 2009: 107)

Uma questão tão específica como a relação de amor e desamor entre Pelé e Bauru, não consegue ser respondida em uma imprensa diária, já que o curto espaço e a falta de tempo dos profissionais tornam a ideia quase impossível.

O livro-reportagem cumpre um relevante papel, preenchendo vazios deixados pelo jornal, pela revista, pelas emissoras de rádio, pelos noticiários da televisão, até mesmo pela internet, quando utilizada jornalisticamente nos mesmos moldes das normas vigentes na prática impressa convencional. Mais do que isso, avança para o aprofundamento do conhecimento do nosso tempo, eliminando, parcialmente que seja, o aspecto efêmero da mensagem da atualidade praticada pelos canais cotidianos da informação jornalística. (LIMA, 2009: 4)



Em relação às entrevistas que foram feitas, podemos dizer que foram muito úteis, pois através delas conseguimos muitas informações, mas mais que isso, adentramos na vida de cada uma daquelas pessoas, soubemos detalhes de infância, criamos um vínculo com nossas fontes. A simples recordação de algo que vem a mente e o fato de retratar isso para nós, repórteres, fez com que determinados entrevistados se sentissem íntimos, amigos há muitos anos. As entrevistas não foram no aspecto entrevistador-entrevistado – mas sim no diálogo, como se fosse uma conversa de botequim.

A entrevista pode ser apenas uma eficaz técnica para obter respostas pré-pautadas por um questionário. Mas certamente não será um braço da comunicação humana, se encarada como simples técnica. Esta – fria nas relações entrevistado-entrevistador – não atinge os limites possíveis da inter-relação, ou, em outras palavras, do diálogo. Se quisermos aplacar a consciência profissional do jornalista, discuta-se a técnica da entrevista; se quisermos trabalhar pela comunicação humana, proponha-se o diálogo. (MEDINA, 1986: 5)

Além disso tudo que já foi citado, o livro-reportagem proporciona uma liberdade enorme para explorar o tema e aprofundar detalhes. A quebra da ordem cronológica dos fatos, caso que acontece no livro, não põe em risco a qualidade da obra. Inúmeras vezes no livro regressamos à infância de Pelé em Bauru com o relato de nossos entrevistados, na Bauru da década de 50. Porém, segundos depois, estamos de volta à realidade dos dias atuais.

## 5.1 New Journalism

O New Journalism foi uma corrente com o objetivo de romper com o modelo vigente do jornalismo – com o lead e objetividade. O diálogo entre literatura e jornalismo se fez presente e partir de então, o jornalismo ganhou uma nova maneira de ser feito.

E, no entanto, no começo dos anos 60, uma curiosa ideia nova, quente o bastante para inflamar o ego, começou a se insinuar nos estreitos limites da statusfera das reportagens especiais. Tinha ar de descoberta. Essa descoberta, de início modesta, na verdade,

reverencial, poderíamos dizer, era que, talvez fosse possível escrever jornalismo para ser... lido como um romance (WOLFE, 2005:19).

Outro fato que merece destaque a respeito do New Journalism, é a colocação da opinião do repórter/escritor durante a narração do livro, como por exemplo na construção da cena com o entrevistado, suas vestimentas, a maneira de falar, agir, se expressar, etc.

A grande reportagem em livro evoluiu muito a partir do New Journalism. Graças a criatividade daquele pessoal inovador, gerações seguintes de jornalistas puderam avançar em muito a prática do livro-reportagem. Por isso, afirmo que o livro-reportagem pode atingir um nível excelente de qualidade estilística e temática, colocando-se em patamar compatível com o romance de ficção. (LIMA, 1998, p. 53)

Dessa forma, acreditamos que fica muito mais convincente passar a informação ao leitor e ao mesmo tempo prender sua atenção na leitura do livro. O New Journalism alterou, felizmente, o pensamento pragmático e objetivista do jornalismo comum.

## 6 METODOLOGIA

A obra “Pelé x Bauru – a relação de amor e desamor entre o Rei do Futebol e a Cidade Sem Limites” é uma grande reportagem que poderia ser publicada somente em um livro. A limitação de espaço dos jornais diários ou revistas, por exemplo, impediria que o tema fosse abordado com o devido aprofundamento.

Uma das ferramentas utilizadas foi a pesquisa bibliográfica, que permite ao jornalista analisar uma ampla variedade de dados e informações.

Todo repórter, confrontando-se com assessores de imprensa e entrevistados, já sentiu o desejo de ir adiante, fuçar papéis e arquivos em busca de verdade mais completa, menos tendenciosa ou mais conforme o desejo de saber do público. Se a fonte A dá uma versão, a fonte B outra e a fonte C uma terceira, contraditórias ou só parcialmente coincidentes, de um evento, deve haver uma quarta versão que corresponda ao que realmente aconteceu. Frequentemente, essa versão mais completa ou correta está disponível em algum lugar, pode ser investigada e recuperada. (...) Complicada ou não, a pesquisa é a base do melhor jornalismo. (LAGE, 2001, p. 133)

É necessário, antes de escrever qualquer reportagem, pesquisar tudo sobre o tema em questão. No caso de “Pelé x Bauru”, procuramos saber o máximo possível sobre a história do Rei do Futebol e, principalmente, sobre sua infância e adolescência na Cidade Sem Limites. Além disso, cada um dos nossos mais de 20 entrevistados rendeu pesquisas à parte. Afinal, não poderíamos conversar com essas pessoas sem saber o mínimo sobre elas.

“Pelé x Bauru” pode ser considerada uma obra biográfica sobre Pelé. No entanto, apesar de nossas inúmeras tentativas, não conseguimos contato com o Atleta do Século. Porém, uma biografia não precisa necessariamente ser produzida através de entrevistas com o biografado. Tanto que muitos livros que recontam a história de personalidades foram publicados vários anos após a morte dessas figuras.

Barnett também diz ter aprendido com o tempo que seus *close-ups* podiam funcionar mesmo quando ele não se encontrava pessoalmente com o sujeito, como ocorre com biógrafos que escrevem sobre mortos, sobre pessoas temporariamente inacessíveis ou assumidamente avessas ao encontro com jornalistas. Pode-se perfilar, portanto, sem entrevistar o sujeito em questão. (VILLAS BOAS, 2002, p. 95)

Também é perceptível em nossa obra o uso do New Journalism, em que mesclamos a prática do jornalismo convencional com a narrativa literária. Com isso, a intenção é fazer com que o leitor vivencie o que passamos durante a elaboração do livro: desde o humor dos entrevistados até o forte calor que enfrentamos. O uso da metalinguagem também é um recurso recorrente em “Pelé x Bauru”, já que o objetivo é possibilitar a imersão do leitor no contexto em que a obra foi produzida.

Diálogos e onomatopeias são utilizados para despertar a atenção do público e também para transmitir a sensação de realismo, para que o leitor compreenda que as conversas e situações retratadas no livro realmente aconteceram.

## **7 PERFIL DO LEITOR**

O livro “Pelé x Bauru - a relação de amor e desamor entre o Rei do Futebol e a Cidade Sem Limites” foi produzido para o leitor que gosta de futebol e é morador de Bauru, ou pelo menos possui algum tipo de identificação com a cidade, já que o afastamento entre o Atleta do Século e o município onde deu os primeiros chutes sempre foi um incômodo para este público.

### **7.1 Gênero**

O livro visa a abranger leitores dos sexos masculino e feminino. Por muito tempo, o futebol foi dominado pelos homens, tanto nos estádios quanto nas redações jornalísticas. Mas este cenário tem mudado e cada vez mais mulheres têm se tornado fãs do esporte. Além disso, os veículos de comunicação têm recebido mais profissionais do sexo feminino nas editorias de esporte. Por estes motivos é que a obra não faz distinção de gênero.

### **7.2 Classe Social**

De acordo com o estudo “Gasto e Consumo das Famílias Brasileiras Contemporâneas” do Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (IPEA), o consumo de livros das famílias brasileiras está concentrado nas classes A e B, que possuem em média 10 livros em casa. Por isso, o nosso leitor está nas classes mais altas da sociedade.

### **7.3 Faixa Etária**

O livro pretende atrair tanto leitores mais velhos, que se lembram da passagem de Pelé por Bauru, quanto os mais novos, que não têm conhecimento sobre a história do Rei na Cidade. Portanto, a faixa etária é abrangente: entre 25 e 75 anos.

## 8 DIFERENCIAIS E PONTOS FORTES

O livro “Pelé x Bauru - a relação de amor e desamor entre o Rei do Futebol e a Cidade Sem Limites” tem como principal diferencial a questão da abordagem conferida a um tema bastante amplo, polêmico e controverso. Ou seja, os porquês do afastamento do Atleta do Século XX em relação ao seu berço no futebol. Existem diversas obras que recontam a trajetória de Pelé. Há ainda livros que tratam especificamente sobre a infância e adolescência do Rei em Bauru, como é o caso de “De Edson a Pelé”, de Luiz Carlos Cordeiro.

No entanto, não existe nenhuma obra que aborde a relação entre Pelé e a cidade de Bauru, o que torna nosso projeto um livro único.

Portanto, podemos dizer que não existe concorrência de mercado nem meios de comparação da obra produzida com qualquer outra anteriormente publicada.

Quanto aos pontos fortes do projeto, podemos citar as entrevistas que fizemos. Nossos entrevistados foram esclarecedores em diversos aspectos e nos forneceram ótimo material para o desenvolvimento do assunto principal do livro, que é a relação entre Bauru e Pelé. Cada uma das pessoas com quem conversamos tem uma visão diferente sobre o tema. Com isso, todos os entrevistados contribuíram de diferentes formas.

O ex-delegado de Polícia, Aniel Chaves, por exemplo, jogou com Pelé em Bauru e nos deu um depoimento honesto e emocionado sobre a sua amizade com o Rei. O mesmo é válido para Frangão e Canabrava, antigos companheiros de Pelé que inclusive se tornaram personagens do cartunista Maurício de Souza.

## 9 LINGUAGEM

A linguagem empregada no livro é o resultado do que vivenciamos em todas as entrevistas, somado ao que pesquisamos em outras publicações.

Uma das nossas principais preocupações foi fugir da monotonia da narrativa unilateral do narrador observador. Nos preocupamos também em não nos atermos à linguagem típica do jornalismo diário.

Para tornar a linguagem mais leve, utilizamos alguns recursos estilísticos e linguísticos, como a metalinguagem e diálogos ilustrativos.

Com o objetivo de oferecer uma leitura agradável, optamos por escrever capítulos curtos, que foram divididos em intertítulos. Os capítulos não seguem ordem cronológica, mas são apresentados de maneira que possibilite ao leitor compreender o assunto debatido pelo livro.

A linguagem da obra exprime de forma suave as emoções das pessoas com quem conversamos e apresenta ao leitor com clareza o posicionamento dos entrevistados, sem possibilidades de interpretações duplas ou situações de ambiguidade.



## **10 PROJETO GRÁFICO**

A proposta gráfica do livro “Pelé x Bauru - a relação de amor e desamor entre o Rei do Futebol e a Cidade Sem Limites” parte do princípio de proporcionar uma leitura agradável. O uso do branco na separação dos capítulos e o espaçamento de 1,5 cm entre as linhas são fundamentais para que esse intuito seja alcançado.

A fonte selecionada para o texto é a Bookman Old Style, tamanho 12,. Já a fonte utilizada nos nomes dos capítulos é a Adobe Heiti STD Regular.

O formato do livro também leva em conta o conforto do leitor. O tamanho de 14 x 21 cm, além de fornecer um melhor aproveitamento do papel, é um modelo que proporciona uma leitura confortável.

### **10.1 Capa**

Na capa do produto optamos por uma foto que define bem o tema e o propósito do livro.

A capa também conta com orelha, conferindo melhor aparência estética à obra e ganho na riqueza dos detalhes.

No que diz respeito ao acabamento, a capa será fixada ao livro costurado por meio do sistema HotMelt.

### **10.2 Imagens**

Visando um ganho na qualidade, as imagens virão agrupadas em um encarte no centro do livro, impressas em um papel próprio para melhor resolução das fotografias.

As imagens que compõem a obra retratam situações e pessoas envolvidas com o tema abordado. Legendas explicativas são utilizadas para orientar o leitor a respeito das fotografias.

### **10.3 Papel**

O papel utilizado para a impressão do texto será o Pólen Soft, caracterizado por sua tonalidade natural, ideal para uma leitura mais prolongada e agradável.

Já para o encarte onde as imagens estão dispostas, o papel é o Couchê 110g/m<sup>2</sup>. Por apresentar ótimas características de nivelamento superficial, é empregado na reprodução de trabalhos de elevada qualidade, garantindo cores vivas e definidas na impressão.

Para a capa do livro, fizemos uso do papel Supremo 250g/m<sup>2</sup>, cujo ponto forte é a resistência.

## 11 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É muito gratificante ter a oportunidade de fazer um trabalho sobre Pelé. Não são todos os estudantes de jornalismo, apaixonados por futebol como nós, que têm a chance de passar quatro anos na cidade em que o Rei deu os primeiros chutes.

Bauru é privilegiada por ter recepcionado a família de Pelé e principalmente por ter oferecido condições para que o Rei do Futebol desenvolvesse aqui seu grande talento. Relacionar história e hipóteses é uma tarefa ingrata e complicada, mas fazendo aqui um pequeno exercício, podemos dizer que se Dondinho e Dona Celeste tivessem optado pela mudança para outro lugar, talvez o Brasil nunca teria conhecido Edson Arantes do Nascimento. Mas conheceu, e é o que importa.

Diante desse fato, enxergamos o desafio em escrever nosso Trabalho de Conclusão de Curso sobre o Atleta do Século XX e o seu berço no esporte. Abraçamos a ideia, seguimos em frente e não nos arrependemos.

A maior parte do conteúdo do livro “Pelé x Bauru” foi coletada através de entrevistas que fizemos com mais de 25 pessoas. Os entrevistados foram antigos amigos de Pelé, jornalistas que presenciaram as primeiras apresentações do Rei nas quadras e nos campos de Bauru, representantes do poder público municipal, historiadores e jornalistas que trabalham hoje na Cidade Sem Limites.

Não foi fácil colher e analisar os depoimentos dessas pessoas. No entanto, os relatos de todos os nossos entrevistados cumprem aquele que é o objetivo principal do trabalho: mostrar como Bauru vê Pelé nos dias de hoje.

O consenso é de que existe mesmo um afastamento entre a cidade e o Rei. Mas os testemunhos deste livro evidenciam que os bauruenses nunca se esqueceram de Pelé, e os antigos amigos do Rei do Futebol têm a convicção de ele nunca abandonou as verdadeiras amizades que deixou em Bauru.

A produção da reportagem deste livro contou até com doses de emoção para nós, os autores. Quando conversamos com Aniel Chaves, ex-

companheiro de Pelé no Baquinho, ele se comoveu ao recordar da estrutura pioneira que o clube oferecia aos jovens atletas e apostou que aquilo foi grande diferencial para que seu amigo chegasse tão longe no esporte.

Aniel Chaves também não conteu as lágrimas ao falar sobre quando Pelé recebeu o título de Cidadão Bauruense, em 1975. Na ocasião, Aniel era delegado da Polícia Civil e foi responsável por toda a logística de segurança do evento que homenageou o Rei. Aniel foi a primeira pessoa a nos contar que Pelé disse “agora já posso morrer”, logo depois da homenagem.

José Luís Canabrava, ao relatar que calçou seu primeiro par de chuteiras ao lado de Pelé, também se emocionou. O mesmo aconteceu com Nero Bergamini, o Frangão, simplesmente ao se lembrar dos bons momentos que passou ao lado do Atleta do Século XX nos campos de várzea durante a juventude em Bauru.

Os jornalistas e historiadores reconheceram que o afastamento existe, porém não se mostraram ressentidos em relação a Pelé. Sobre o poder público, pode-se dizer que existe vontade em reaproximar Bauru do Rei do Futebol.

Portanto, constatamos que não existe um sentimento de ódio dos bauruenses em relação ao Pelé, mas sim um distanciamento, ocorrido devido ao tempo e à distância geográfica. Antes de darmos início à produção de “Pelé x Bauru”, pensávamos que o Rei e a cidade não gostavam um do outro. Entretanto, mudamos de opinião e sabemos que, com iniciativa, essas duas partes podem, enfim, reatar.

## REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**: 2002. Rio de Janeiro: ABNT, 2002.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6024**: 2003. Rio de Janeiro: ABNT, 2003.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6027**: 2003. Rio de Janeiro: ABNT, 2003.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10520**: 2002. Rio de Janeiro: ABNT, 2002.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 14724**: 2006. Rio de Janeiro: ABNT, 2006.

CASATTI, Denise. **Narrar para diversificar**. Disponível em <<http://www.canaldaimprensa.com.br/canalant/opiniaio/trint8/opini%C3%A3o1.htm>>. Acesso em: 7 nov.2010.

CASTRO, Gustavo e GALENO, Alex. **Jornalismo e literatura – a sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras, 2002.

FERREIRA, C. **Literatura e jornalismo – práticas políticas**. São Paulo: Edusp, 2003.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia**. São Paulo: Ática, 2000.

LAGE, Nilson. **Linguagem jornalística**. São Paulo: Ática, 1999.

LIMA, Alceu Amoroso. **O jornalismo como gênero literário**. Rio de Janeiro: Agir, 1960.

LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é livro reportagem?** São Paulo: Brasiliense, 1998.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas**. São Paulo, Manole, 2004.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Jornalismo “fin-de-siècle”**. Scritta Editorial, 1993.

MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente**. São Paulo: Summus, 2003.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista: o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 2002.

MEDINA, Cremilda. **Notícia, um produto à venda**. 3 ed. São Paulo: Summus, 1993.

**New Journalism: a reportagem como criação literária** – Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Secretaria Especial de Comunicação Social – Rio de Janeiro, 2003. (Cadernos de Comunicação, Série Estudos, v.7).

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Summus, 1986.

VILAS BOAS, Sergio (org.). **Jornalismo narrativo – um percurso filosófico**. Apostila, 2005.

WALTY, Ivete. **O que é ficção**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

WOLFE, Tom. **Radical Chique e o Novo Jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

# PELÉ X BAURU

A RELAÇÃO DE AMOR E DESAMOR ENTRE O REI DO FUTEBOL E A CIDADE SEM LIMITES



FERNANDO TRINDADE  
MATHEUS ORLANDO

PELÉ X BAURU - A RELAÇÃO DE AMOR E DESAMOR ENTRE O REI DO FUTEBOL E A CIDADE SEM LIMITES

## PELÉ X BAURU

Você sabia que Pelé começou a jogar futebol em Bauru? O Rei do Futebol deu seus primeiros chutes na Cidade Sem Limites, mas parece haver um distanciamento entre as duas partes. Quais as causas desse afastamento? Por que Pelé não volta a Bauru há mais de 30 anos? Existe uma rixa entre o ex-jogador e a cidade? Neste livro, jornalistas, historiadores, estudiosos, amigos de Pelé e representantes do poder público bauruense respondem a essas perguntas.

# Pelé X Bauru

A relação de amor e desamor entre o  
Rei do Futebol e a Cidade Sem Limites





Fernando Trindade  
Matheus Orlando

# Pelé X Bauru

A relação de amor e desamor entre o  
Rei do Futebol e a Cidade Sem Limites

1ª Edição

**unesp** 

AUTORES

Matheus Orlando  
Fernando Trindade

ORIENTAÇÃO E REVISÃO

José Carlos Marques

DIAGRAMAÇÃO E CAPA

Rodrigo Pestillo Seles

## DEDICATÓRIA

*Nosso primeiro livro vai especialmente para nossas famílias, que sempre nos ofereceram todo tipo de suporte.*

*Dedicamos a obra também aos amigos. Tanto os da República Porcão de Bauru, que nos aturaram durante 4 anos de convivência, quanto os de nossas cidades natais, que jamais nos esqueceram.*

*Gostaríamos de dedicar o livro também para a cidade de Bauru, por nos acolher tão bem, e para Pelé, que assim como nós, nasceu brasileiro e se tornou bauruense.*



## SUMÁRIO

|   |     |
|---|-----|
| <b>Introdução</b>   | 09  |
| <b>Capítulo 1</b> O porquê deste tema                     | 12  |
| <b>Capítulo 2</b> Breve relato sobre a infância do rei    | 16  |
| <b>Capítulo 3</b> Uma questão de identidade               | 24  |
| <b>Capítulo 4</b> O que os historiadores têm a dizer      | 28  |
| <b>Capítulo 5</b> O reencontro                            | 40  |
| <b>Capítulo 6</b> Agora já posso morrer                   | 45  |
| <b>Capítulo 7</b> Racismo contra Pelé em Bauru            | 53  |
| <b>Capítulo 8</b> Viagens inesquecíveis                   | 56  |
| <b>Capítulo 9</b> Jornalistas da nova geração de Bauru    | 63  |
| <b>Capítulo 10</b> A velha guarda do jornalismo bauruense | 77  |
| <b>Capítulo 11</b> Singela homenagem em Bauru             | 85  |
| <b>Capítulo 12</b> Sobre o livro de Cordeiro              | 89  |
| <b>Capítulo 13</b> Poder público de Bauru                 | 99  |
| <b>Considerações Finais</b>                               | 109 |
| <b>Fotos</b>  | 112 |



## INTRODUÇÃO

Não é segredo nenhum que Edson Arantes do Nascimento, o Pelé, Rei do Futebol e Atleta do Século XX, nasceu na cidade mineira de Três Corações no dia 23 de outubro de 1940. Também não é segredo nenhum que foi a cidade de Santos que o projetou para o futebol, o Brasil e o mundo. Entretanto, antes da explosão meteórica do Rei mundo afora, uma cidade do interior paulista teve papel essencial na formação deste gênio do esporte: Bauru.

Pelé chegou a Bauru em 1945, quando seu pai, o jogador de futebol João Ramos do Nascimento, o Dondinho, foi contratado pelo Luzitana F.C., que posteriormente se tornaria Bauru Atlético Clube (BAC). E foi em Bauru que Pelé viveu maior parte da infância, onde conheceu muita gente, onde teve as primeiras namoradas e, especialmente, onde nasceu para o mundo da bola. Foi em Bauru que Pelé deu seus primeiros chutes e chamou a atenção de toda a cidade com seu talento precoce e sua infantil genialidade dentro dos campos e das quadras.

O menino Pelé era um apaixonado pelo futebol e fazia questão de jogar o maior número de partidas



possível, até mesmo com garotos mais velhos, o que só aumentava seu mérito. Uma das pessoas que ficaram impressionadas com o jovem foi Waldemar de Brito, que foi técnico Pelé no Baquinho (time infantil do BAC) e encaminhou o pupilo, aos 16 anos, para o litoral paulista, onde ele ingressou no Santos Futebol Clube. A partir daí, a saga do Rei é bem conhecida...

É inquestionável que Bauru desempenhou papel fundamental na carreira de Pelé. No entanto, a cidade parece pouco aproveitar o fato de ter adotado o maior jogador de futebol da história. A imagem de Bauru não costuma ser associada a Pelé e vice-versa. Sim, ele foi recebido o título de Cidadão Bauruense em 1975, mas isso é o bastante? Quem é de outro lugar e se muda para Bauru, como é o caso destes autores, percebe certo receio da cidade em relação ao Rei do Futebol. Pouquíssima referência a ele é encontrada por aqui. Não existe uma estátua, um museu e nenhum tipo de homenagem ao Atleta do Século. Um dos maiores palcos da carreira de Pelé em solo bauruense, o campo do BAC, foi vendido e em 2008 deu lugar a um supermercado. A casa que Pelé comprou na Rua Sete de Setembro, na região central de Bauru, quando já era jogador do Santos, está abandonada. Somente os bauruenses mais velhos parecem se dar conta de que a história de Pelé passa por Bauru.

Algumas pessoas tentaram quebrar esse incômodo tabu. Foi o caso do jornalista Luiz Carlos

Cordeiro, que em 1997 publicou o livro “De Edson a Pelé - a infância do Rei em Bauru”. A obra resgata momentos importantes da biografia dessa ilustre personalidade. Quem fez inúmeras tentativas de trazer Pelé a Bauru mais uma vez foi o jornalista e historiador Luciano Dias Pires, que aos 86 anos de idade, encontra disposição para não deixar a história Bauru-Pelé ser esquecida.

Por outro lado, Pelé sempre falou com carinho de Bauru e costumava visitar a cidade com bastante frequência até os anos 1980, mas ele não aparece por aqui há mais de 30 anos. Além disso, Bauru não consta na página oficial do Rei do Futebol na internet ([pele10.com](http://pele10.com)). Ao relatar a trajetória de Pelé, o site “pula” de Três Corações para Santos, sem mencionar a Cidade Sem Limites.

Este livro tem o objetivo de analisar a relação entre a cidade de Bauru e o ex-jogador Pelé. Por que a mídia publica poucas reportagens sobre o assunto? Por que a cidade nunca prestou grandes homenagens ao Rei? Existe um receio ou algum tipo de incômodo entre as partes?

Para escrever sobre isso, conversamos com jornalistas, historiadores e pessoas que conviveram com Pelé aqui na cidade. A intenção é mostrar como Bauru enxerga hoje essa relação de amor e desamor.

Boa leitura!

## CAPÍTULO 1

## O PORQUÊ DESTE TEMA

Desde que nos conhecemos por gente, ouvimos falar sobre Pelé: pais, tios, televisão, jornais, rádio, revistas, rodas de conversa entre amigos. Mas quem é essa figura? Depois de pesquisar um pouco, ficou fácil responder: o melhor jogador de futebol da história.

A “Enciclopédia de Todas as Copas do Mundo”, de Orlando Duarte, indica que Pelé, aos 17 anos, foi campeão mundial com a Seleção Brasileira na Copa da Suécia, feito que o mantém até hoje como o vitorioso mais jovem da competição. Depois disso, foram dois outros títulos da Copa: em 1962, no Chile, e em 1970, no México. Aliás, ninguém mais conseguiu ganhar o Mundial três vezes apenas na condição de jogador. Só Pelé.

Ele conquistou dez Campeonatos Paulistas pelo Santos, quando os torneios estaduais eram tão - ou mais - importantes quanto os torneios nacionais. Ainda em âmbito regional, Pelé comemorou quatro vezes o título do Torneio Rio-São Paulo. Considerando o Campeonato Brasileiro unificado, foram cinco troféus para o Rei do Futebol: quatro vezes a Taça Brasil e um Torneio Roberto Gomes

Pedrosa. Em âmbito internacional, Pelé ajudou o Santos a chegar ao topo da América em duas oportunidades, através da Taça Libertadores, além dos dois Torneios Intercontinentais.

Individualmente, Pelé é igualmente brilhante. Segundo a Confederação Brasileira de Futebol (CBF), foram 1284 gols como atleta profissional. Isso sem contar os dribles, chapéus, assistências e todos os lances geniais. Quem não teve a oportunidade de ver o craque em ação, assim como nós, autores deste livro, certamente pode constatar nos vídeos a genialidade de Pelé.

No entanto, o Rei acumulou algumas polêmicas ao longo de sua vida. Filhos fora do casamento, caso de paternidade não reconhecida e declarações inconvenientes marcam presença na biografia de Edson Arantes do Nascimento. Apesar disso, ele é visto pela maioria dos entrevistados deste livro como um bom cidadão.

Uma característica inegável de Pelé é sua determinação. Com certeza ele contou com uma enorme dose de talento, mas o consenso entre todas as pessoas, entre amigos, familiares, ex-compañheiros e ex-técnicos do Atleta do Século XX, é que dedicação nunca faltou a esse mineiro de Três Corações. O empenho nos treinamentos, aliado a um preparo físico invejável, foi grande diferencial de Pelé em relação a outros jogadores. Por este motivo é que ele chegou ao topo do Brasil e do mundo e será lembrado por inúmeras gerações.

E esse cara começou a jogar em Bauru...

## VOCÊ SABIA QUE PELÉ COMEÇOU A JOGAR BOLA EM BAURU?

Perdemos a conta do número de vezes que fizemos a pergunta acima. Se pararmos para analisar, não deveria ser necessário questionar esse fato, já que a resposta qualquer bauruense ou brasileiro deveria saber. Deveria porque Pelé é o Atleta do Século, um dos melhores no futebol, uma pessoa conhecida internacionalmente, que vira notícia toda vez que aparece. Mas, infelizmente, a resposta que diversas vezes tivemos foi: “Jura? Não sabia disso. Que legal!”. Sim, o fato de Pelé ter começado a jogar bola aqui é sensacional. Triste é saber que muitas pessoas não sabem disso. Aí vem a pergunta: será que tal pessoa deveria ser mais “antenada” e ter a resposta “sim, claro que sabia” na ponta da língua, ou falta divulgação da cidade? Falta um carinho de Bauru? Falta, definindo melhor, reconhecimento de Bauru?

Nós dois viemos de fora. Aprendemos a admirar a cidade. Outro ponto em comum entre nós é o fato de acompanharmos futebol desde pequenos. Talvez escolher a profissão de jornalista foi apenas questão de tempo, porque, sem capacidade técnica para virar jogador de futebol, no jornalismo teríamos o esporte por perto, pelo menos para fazê-lo virar notícia. Na faculdade houve contato com o esporte, em específico o futebol, com projetos de extensão e grupos de estudo sobre o tema. Na

escolha do nosso trabalho de conclusão de curso, lógico, o tema seria esporte, seria futebol.

E, agora, voltemos a falar de Bauru para explicar o desafio de escrever este livro: como a cidade não faz referência ao melhor jogador de todos os tempos que já existiu, sendo que ele começou a carreira aqui? Eis um ponto de Bauru que nos chamou a atenção. As entrevistas que fizemos foram muito proveitosas – tivemos uma “aula” de relatos da história de Bauru dos anos 1950 e de como foi construída a trajetória do Rei Pelé na Cidade Sem Limites.

É necessário relatar aqui que todos os entrevistados que conviveram com o Pelé, seja ele um amigo de infância, jornalista ou historiador, colocaram o ex-jogador no pedestal. Mas acima do pedestal estava Edson Arantes do Nascimento, um negro de família humilde, filho de Dondinho e dona Celeste, que proporcionaram, na visão dos que conheceram a família, a formação de um ser humano nobre, educado e correto. Portanto, Pelé começou sim a jogar bola em Bauru, mas Edson teve a formação do seu caráter na cidade com as experiências vividas na época, com as amizades que fez e com importantes pessoas que cruzaram seu caminho.

## BREVE RELATO SOBRE A INFÂNCIA DO REI

**D**ico! Vem pra casa, o almoço já está pronto. Depois você termina o jogo de futebol com seus amigos.

Incalculável o número de vezes que Dona Celeste viu seu filho Edson trocar um prato de comida pela bola de futebol. E não era só comida. Pelé, ou Dico, como era chamado entre os familiares, só parava em casa para dormir. Quando não estava estudando, o menino gastava seu tempo jogando bola nos campinhos de terra espalhados por Bauru. E não eram poucos campinhos e nem poucos times. Mesmo assim, Pelé dava um jeito de conciliar os horários e jogava em quantos times pudesse. Rodava a cidade toda atrás de uma bola. Do distrito de Curuçá até o Canto do Rio, passando pelo Vai-Quem-Quer, este mais perto da sua casa. Pelé desbravou Bauru e conheceu os primeiros amigos de infância na Cidade Sem Limites. Mas não nasceu aqui.

Com apenas 4 anos, Edson veio de Três Corações, interior de Minas Gerais, para seguir o novo rumo

de sua família. O pai, João Ramos do Nascimento, ou apenas Dondinho, mudou-se para Bauru em 1945. Dois anos antes, ele já havia visitado a cidade e jogado algumas partidas pelo BAC. Mas ele precisava de um emprego além do futebol. Como não conseguiu, voltou para Minas. Com a insistência do BAC, Dondinho aceitou voltar à Cidade Sem Limites depois que lhe foi prometido um trabalho no Centro de Saúde. E é aí que começa a trajetória do Rei do Futebol em Bauru.

Os tempos eram difíceis, a família de Pelé não tinha muito dinheiro, mas nunca faltou nada ao futuro Rei do Futebol. Além dele, moravam na mesma casa o pai, Dondinho, a mãe, Dona Celeste, a avó Ambrozina, o tio Jorge Arantes e os irmãos Maria Lúcia e Jair (Zoca). Pelé e a família moravam de aluguel em uma casa na Rua Rubens Arruda, no centro da cidade.

Raul Marçal, considerado o irmão branco de Pelé, destaca a educação que Pelé recebeu dentro de sua casa:

- A família de Pelé era fabulosa, coisa de cinema, e proporcionou uma formação ímpar ao caráter dele. A avó Ambrozina era uma santa. Todos, sem exceção, são sensacionais. Deveriam fazer uma estátua para cada um deles.

Pelé começou a se interessar pelo futebol ainda bem pequeno. Começou jogando onde dava, em qualquer campinho e quantas partidas fosse possível.

- Em qualquer terreno, rua ou campinho onde



houvesse uma bola e companheiros, era possível encontrar Pelé em Bauru - recorda o historiador Luciano Dias Pires.

Perguntado sobre o fato de ter jogado com Pelé em Bauru, Raul adianta que jogou em apenas um clube com o Rei, o São Paulinho de Curuçá, e explica o porquê:

- A minha relação com Pelé não era de amizade no futebol, mas de amizade na vida. As pessoas que dizem que viviam com Pelé durante a infância dele, era porque jogavam bola juntos. A minha relação com ele é de irmão mesmo. Todo final de semana ele dormia na minha casa.

Perto da Rua Rubens Arruda, onde o Rei morava, José Luís Canabrava vivia com a família na Rua Aviador Gomes Ribeiro. Ele, desde menino, jogava com Pelé. Diferentemente do Rei, Canabrava não era nenhum craque: esforçado e raçudo, como ele mesmo faz questão de lembrar:

- E Pelé sempre me escolhia. Era ele fazendo gol na frente e eu atrás tirando as bolas.

A princípio, Pelé e Canabrava começaram a jogar juntos no time Sete de Setembro, num campinho de terra próximo ao antigo campo do Noroeste, região onde hoje funciona o Hospital de Base. De família humilde, Canabrava também recorda as dificuldades financeiras vividas pelo Rei do Futebol. Mas isso nunca atrapalhou na hora de bater uma bola.

- A primeira chuteira que eu usei foi junto com Pelé. Até então, jogávamos descalços, mas recebe-

mos um par de chuteiras cada no Baquinho - revela Canabrava

Neste momento, percebemos o quão simbólico foi o fato de Canabrava, um pedreiro aposentado de 74 anos, ter calçado uma chuteira junto com aquele que viria a ser o Atleta do Século. Eram meninos, naquele momento nada disso passou pela cabeça deles. Hoje, porém, Pelé sabe da importância de Bauru em sua vida, onde começou a jogar, e Canabrava relembra um simples gesto de calçar uma chuteira, que hoje vale ouro em suas recordações.

A passagem de Pelé por Bauru construiu um orgulho muito grande por parte das pessoas que conviveram com ele. A infância é a parte da vida que os idosos mais gostam de recordar, e neste livro, coletamos relatos de gente que vivia o dia todo, o tempo inteiro ao lado do Rei, e assim como ele, hoje tem mais de 70 anos.

Trata-se de relações de irmãos, de dormir na casa do outro, de esconder as travessuras dos pais, como por exemplo, roubar amendoim dos trens estacionados na estação ferroviária.

Uma das pessoas que foram muito próximas de Pelé na infância é o ex-delegado de polícia Aniel Chaves. Aniel lembra que Pelé começou a jogar bola no Ameriquinha, time que tinha um campo próximo à casa deles, região onde hoje fica a Avenida Duque de Caxias, em Bauru. Pelé, na época com 8 anos, já gostava de futebol e chamava atenção pela maneira que jogava. Aniel era quatro

anos mais velho que o Rei e contava com a ajuda do pai para poder jogar futebol: no fundo de sua casa, foi construído um quartinho de madeira onde a molecada trocava de roupa para jogar bola aos domingos. Ali também havia chuteiras, roupas e bolas. Posteriormente, devido à proximidade de Dondinho com o BAC (era atleta do clube), Pelé foi jogar lá, assim como Aniel, que afirma que a alcunha de Atleta do Século que o amigo recebeu posteriormente deveu-se muito à ida do Rei para o Bauru Atlético Clube:

- Ali no BAC o Pelé teve acesso a uma estrutura que pode prepará-lo como pessoa, não somente como esportista.

Os atletas do Baquinho, equipe juvenil do BAC, tinham à disposição um departamento médico e uma sala de fisioterapia. Cada jogador tinha sua chuteira e sua toalha. Algo que os comandantes do time sempre pregavam era a responsabilidade de seus atletas e o comprometimento deles com o clube. O uniforme que usavam era como se fosse uma segunda pele. Para se manter no plantel do Baquinho era preciso ser ético dentro e fora de campo.

Os atletas do Baquinho precisavam estudar e se preparar para a vida. Se algum jogador do clube não frequentava a escola, logo já era encaminhado a algum colégio. O exemplo mais marcante para Aniel foi a questão do cuidado que cada atleta tinha com sua respectiva camiseta de treino ou jogo. Todos, sem exceção, deveriam levar a camise-

ta para casa e lavar ele mesmo, como um gesto de disciplina, para que estivesse limpa para a próxima batalha. Quem jogasse a camiseta no chão em caso de irritação após uma derrota, por exemplo, era penalizado.

- A camiseta não era pano de chão. Tínhamos um lugar certo para guardá-la e isto era um procedimento padrão entre os atletas juvenis. O Baquinho, sem dúvida, foi o pioneiro no Brasil na questão do cuidado com o futuro do profissional - pontua Aniel.

Toda esta estrutura do BAC veio da diretoria, em parceria com o técnico Waldemar de Brito, ex-jogador de futebol e titular do Brasil na Copa do Mundo de 1934, que futuramente seguiria a carreira como técnico. Ele também foi o grande responsável por levar Pelé para o Santos Futebol Clube, em 1956.

## A PRIMEIRA CAMISA 10

Outro personagem que faz parte da história de Pelé em Bauru é Nero Bergamini, mais conhecido como Frangão, apelido que recebeu na infância. Hoje aposentado e morador da Rua 15 de Novembro, em Bauru, Nero recorda dos tempos de infância e convivência com o Rei. Frangão é dois anos mais velho que Pelé, e isso foi um ponto importante em toda a trajetória dos dois, já que por ter um pouco

mais de experiência, muitas vezes ele orientou o Rei nos clubes onde jogavam. Tinha a função de líder dentro e fora de campo. Assim como todos os entrevistados que puderam jogar com Pelé, Nero comentou que o Rei era um “fominha”: jogava quantas vezes e em quantos times pudesse.

Eles jogaram juntos no Baquinho e no Radium, onde foram vitoriosos em todas os campeonatos que disputaram. Pelé, endiabrado, era contido e orientado por Frangão, capitão daquela seleção de futebol de salão do Radium, exaltado por muitos bauruenses como o melhor time que Pelé já jogou na cidade.

- O Radium era uma seleção, sem dúvidas. Ganhávamos os jogos de 15, 20 gols de diferença. Pelé foi o artilheiro daquele ano e arrastava toda a torcida em dias de jogos, disputados na antiga PRG-8, onde hoje funciona a TV Tem - afirma Frangão.

A primeira camisa 10 que Pelé vestiu foi no Radium, já que antes, no Baquinho, usava a número 8. Talvez ninguém naquele ano soubesse que o número 10 entraria para a história nas décadas seguintes como a marca registrada do melhor jogador de futebol do mundo. Até hoje, o peso da camisa 10 existe em qualquer grande clube. Quando vemos um jogador vestindo este número nas costas, sabemos que é dele a responsabilidade de armar as jogadas, de dar os dribles mais bonitos, de resolver a partida.

E a camisa 10 já flertava com o menino Pelé,

em Bauru, durante toda sua infância. Vesti-la foi apenas questão de tempo, pois em qualquer time que passava, todos sabiam que era aquele menino que iria desencantar nos gramados ou quadras e resolver o jogo. Era o menino que faria a dona de casa ou o trabalhador caminhar vários quilômetros para acompanhar os jogos de times juvenis, só pra ver Pelé aprontar, brilhar, dar show. Era o menino que despertaria a graça e o encanto até mesmo naquele que não conhecia futebol, mas acompanhava os jogos só para vê-lo. Era o menino que anos mais tarde seria o jogador mais jovem a ganhar uma Copa do Mundo, em 1958, com 17 anos, já com a camisa 10 nas costas, e com um gol épico na final, contra a Suécia. Era o menino, que a partir de então, todos conhecem a trajetória. Depois de mais de 1200 gols na carreira, a camisa 10 do Santos e da Seleção Brasileira são retratos do maior jogador de todos os tempos. Pena que poucos sabem que foi em Bauru, no Radium, que ele a vestiu pela primeira vez.

## UMA QUESTÃO DE IDENTIDADE

**P**elé só ficava “na banheira” e aproveitava as oportunidades! Como jogador, não era nada de mais - é em clima de brincadeira que Cláudio Bertolli nos recebe em seu escritório. Só depois de ouvirmos sua tradicional piadinha é que a entrevista começa para valer e o papo fica sério.

O problema do distanciamento de Bauru em relação a Pelé não é exclusivo. Cidades de médio porte estão constantemente em busca de uma identidade, e Bauru se enquadra neste caso. É o que pensa o antropólogo e professor da Unesp (Universidade Estadual Paulista) de Bauru, Cláudio Bertolli.

Para ele, Bauru ainda não encontrou uma identidade própria, e essa busca continua.

- Primeiramente, era a cidade das ferrovias, depois a cidade da areia branca, a cidade do Bauruzinho e por fim essa coisa vazia de Cidade Sem Limites. Portanto, busca-se uma identidade para a cidade - explica Bertolli.

No entanto, o docente pensa que o município procura algo próprio da terra. Isso justifica o fato de a cidade dar muito mais importância ao astro-

nauta bauruense Marcos Pontes do que a Pelé. Apesar da carreira de Pontes ter sido construída quase que inteiramente fora de Bauru, o público bauruense tem esse símbolo para chamar de seu.

O mesmo é válido para duas outras personalidades nascidas na cidade: o engenheiro Ozires Silva e o ator Edson Celulari. O primeiro destacou-se por sua contribuição à aeronáutica brasileira, tendo sido fundador da Embraer (Empresa Brasileira de Aeronáutica). Já o segundo alcançou grande sucesso na dramaturgia nacional, sendo atração principal de novelas e peças de teatro em todo o país.

- O Pelé veio de fora, por isso é pouco cultuado em Bauru. As pessoas querem adotar como parte da identidade de sua cidade um componente próprio daquele lugar, e o Pelé não preenche esses requisitos, mas o Marcos Pontes, o Ozires Silva e o Edson Celulari preenchem. Por outro lado, Pelé pouco se reporta à cidade. Eu me lembro de duas referências que ele fez sobre Bauru em uma entrevista que concedeu à Revista Playboy, em 1981. A primeira é que a primeira namorada dele é da cidade. A segunda, e que talvez ofenda muito a elite local, é quando ele diz que o primeiro homem com quem ele manteve relações sexuais foi em Bauru, aos 15 anos de idade. Para a elite, esta declaração pode desqualificar os bauruenses. Então, as relações entre Pelé e Bauru não são amistosas e nem contínuas - acredita Bertolli.

Em 2011, Pelé falou ao Portal Terra sobre a polê-



mica entrevista concedida à Playboy. Ele afirmou que tudo foi um mal entendido, o que resultou em uma publicação errada: na verdade, o Rei do Futebol teria afirmado que alguns de seus companheiros do Baquinho é que tinham relações com outros garotos, e não ele.

Cláudio Bertolli pensa que a aceitação de Pelé como uma personalidade de Bauru depende dos veículos de comunicação e da elite. Porém, o docente unespiano diz que a mídia e a classe A de Bauru são muito “juntadas”, então pouco se relembra ao público que Pelé jogou na cidade.

- Eu acredito, acima de tudo, que a cidade não vê Pelé como um bom símbolo. E o fato de ele pouco se reportar à cidade faz com que não se criem laços entre Bauru e o ex-jogador. Não há interesse de nenhum dos dois lados de manter relações pela memória. É um namoro que não deu certo - esclarece o antropólogo.

## UMA SOLUÇÃO PARA REATAR O NAMORO?

O professor Cláudio Bertolli afirma que Bauru precisa criar uma identidade:

- A identidade é uma síntese de tudo. Estou aqui há 15 anos e parece uma cidade meio perdida, não há uma linha política de administração. Bauru precisa de uma identidade, não uma que venha de

cima, como o Bauruzinho, que foi idealizado por um grande supermercadista local, mas é necessário que essa característica aflore da própria população.

O estudioso reconhece que uma das possibilidades de criação da identidade bauruense seria uma iniciativa da cidade, com apoio da população, de proporcionar uma homenagem para o Pelé, algo que o aproximasse de Bauru. No entanto, ele pensa que a cidade queira algum símbolo mais local, que tenha raízes na própria Bauru.

Além disso, Bertolli lembra que os feitos de Pelé fizeram com que o ex-esportista fosse reconhecido em todo o Brasil. Com isso, o Atleta do Século ganhou o status de ídolo nacional.

- O bauruense enxerga Pelé como uma figura importante, mas não há uma ligação significativa a nível local - finaliza.

## O QUE OS HISTORIADORES TÊM A DIZER

— **O** Pelé não dá a mínima bola para Bauru.  
- A cidade nunca deu motivos para que Pelé voltasse para cá. O que ele faria aqui?

- Pelé não tem nada que voltar para Bauru! O povo dessa cidade só soube criticá-lo! Ele nunca foi reconhecido.

- Deixa ele quieto lá em Santos! Praia é a melhor coisa que existe, certo ele.

Essas são algumas das falas que ouvimos ao interrogar de maneira aleatória algumas pessoas no centro da cidade de Bauru sobre a relação entre o Rei do Futebol e a Cidade Sem Limites.

O fato de Pelé ter feito poucas visitas à cidade de Bauru após seu auge como jogador de futebol sempre incomodou o jornalista e historiador Luciano Dias Pires. Com simpatia e passos lentos, ele nos recepciona no saguão do condomínio onde mora.

- Então vocês querem uma entrevista comigo? 50 reais a hora! – diz Luciano, em tom de brincadeira.

Depois de sentarmos, o papo fica agradável e se estende por mais de duas horas. Logicamente não precisamos pagar os 100 reais para ele. Fomos embora rapidamente.

Luciano foi responsável por redigir dois convites para que o Rei viesse ao município durante a abertura dos Jogos Abertos de 2012. Não recebeu resposta, mas se mostrou compreensivo quanto à agenda do ex-craque.

Ele lembra ainda de outra ocasião em que Bauru tentou trazer Pelé para a cidade: no centenário do município. O historiador conta que a administração do prefeito Antônio Tidei de Lima convidou Pelé para as festas pelos 100 anos do município, mas não enviou detalhes sobre a programação do evento e a logística de segurança e hospedagem, falhando na tentativa de receber a visita do ídolo.

Porém nada disso apaga a admiração de Luciano pelo Atleta do Século. Hoje com 86 anos, ele se lembra bem do início da carreira de Pelé em Bauru:

- Tive o privilégio de ver o Pelé jogar o futebol dele aqui na cidade. Naquele tempo, existia a rivalidade entre o BAC e o Noroeste. Mesmo com as equipes rivais, era muito grande o respeito entre as torcidas e os jogadores. Só tinha xingamento em dias de jogo. E a cidade toda comentava sobre o filho do Dondinho, que era um negrinho incrível, que fazia coisas impressionantes com a bola nos campinhos de terra.

Luciano sempre foi noroestino e evitava entrar no estádio do BAC, a não ser quando o Noroes-

te jogava no local. Mas ele foi obrigado a mudar sua rotina por conta de Pelé, quando este jogava no Baquinho. Os times juvenis faziam as partidas preliminares dos jogos principais e com Pelé em campo, o Baquinho era um espetáculo mais atraente do que o time adulto do BAC. Sendo assim, Luciano Dias Pires foi “obrigado” a criar o hábito de ir ao campo do time rival ao Noroeste do seu coração. Tudo para ver o Rei do Futebol, ainda menino, em ação.

- Depois que a acabava partida preliminar, que tinha Pelé em campo pelo Baquinho, eu só ficava para ver o time principal do BAC se eles fossem jogar contra uma equipe forte, para poder secar. Se o BAC fosse jogar contra uma equipe fraca, eu ia embora depois dos jogos do Baquinho - relembra com bom humor.

## PELÉ NO NOROESTE

Pouco tempo depois, Luciano teve o prazer de ver Pelé com a camisa alvirrubra que tanto gostava. Foram apenas três partidas amistosas, mas para o historiador o fato é memorável.

Em 1953, o Noroeste conseguiu, pela primeira vez em sua história, o acesso à elite do futebol estadual, já que a Lei do Acesso era vigente a partir daquele ano. Com isso, todo o futebol do interior

passou por um processo de profissionalização. Em Bauru não foi diferente, mas de repente a cidade ficou pequena para duas agremiações profissionais, e foi assim que o BAC - e por consequência o Baquinho - perdeu espaço e fechou suas portas.

Depois disso, apesar de Dondinho ter jogado durante quase dez anos no BAC, o profissionalismo falou mais alto e ele foi contratado para ser auxiliar técnico do Noroeste. Pelé foi junto, e enquanto jogava futebol de salão e futebol de rua por toda a cidade, treinava com os atletas adultos do Norusca. Não havia nenhum vínculo empregatício, mas ainda assim o jovem Rei do Futebol disputou, com a permissão de seu pai, três amistosos pelo Noroeste. De acordo com Luciano Dias Pires, um desses jogos foi contra o Rio Branco de Ibitinga, vencido pela equipe bauruense por 8 a 0, com quatro gols do garoto prodígio.

O sucesso de Pelé com a camisa noroestina foi tanto que a diretoria do clube ofereceu altos salários para o jovem atleta. Mas Dondinho resistiu e seu filho foi levado a Santos por Waldemar de Brito.

## OUTRO HISTORIADOR DÁ SEUS PITACOS

Combinamos uma entrevista com João Tidei de Lima na biblioteca da Unesp, em Bauru. O agitado

historiador chega com um atraso de quinze minutos e já nos pede um favor.

- Vamos lá pra baixo daquelas árvores. Eu gosto de falar alto, de dar risada. As pessoas que estão estudando aqui na biblioteca não vão gostar.

E assim fomos nos sentar no bosque, que fica logo abaixo da biblioteca.

João Francisco Tidei de Lima, além de historiador, também é professor aposentado. Hoje com 73 anos, confessa que nunca foi muito habilidoso com a bola nos pés e que por isso, durante a infância e juventude, visitava os campinhos de terra somente para “brincar” ou ver em ação garotos mais talentosos. E um desses garotos era Pelé, que exibia seu futebol nos terrenos baldios e quadras de Bauru.

O pai de João Francisco e Dondinho trabalharam juntos em um posto de saúde. Até que em 1951 o pai do historiador foi transferido para Garça, para onde levou toda a família. Eles voltaram a Bauru cinco anos depois e João Francisco lembra que a cidade toda já admirava os feitos daquele que seria o Rei do Futebol.

- Quando eu e minha família retornamos a Bauru, logo ouvimos falar do Pelé. E me recordo que pouco tempo depois descobri o porquê. Certo dia, fui à quadra da PRG-8 Bauru Rádio Clube, onde atualmente funciona a TV Tem, no Jardim Bela Vista. O Radium, time do Pelé, foi jogar contra o time da PRG-8. A quadra estava lotada e o goleiro da PRG-8 era o Sylvio Carlos Simonetti, o Syca. Eu queria ver o Pelé jogar e vi mesmo: ele liquidou

o jogo, foi 7 a 1 para o Radium, com quase todos os gols marcados por ele. Tanto é que a pequena torcida do Radium no local começou a gritar 'PRG-7! PRG-7!' em alusão aos 7 a 1. Foi algo genial - conta com entusiasmo.

### A SEMANA QUE PELÉ PASSOU EM BAURU E A “RETRIBUIÇÃO”

Outra passagem sobre Pelé em Bauru da qual João Francisco Tidei de Lima se recorda é quando, em 1963, o Atleta do Século XX estava com pendências contratuais com o Santos. O próximo compromisso do Peixe, então tricampeão paulista, era contra o líder do campeonato estadual daquele ano, o Noroeste, em jogo que seria disputado em Bauru.

Enquanto esperava por uma solução para seu litígio com o clube da Baixada Santista, Pelé deixou a Vila Belmiro uma semana antes do confronto entre Peixe e Noruca e veio à Cidade Sem Limites, onde tinha familiares.

Em Bauru, o Rei foi muito assediado nos dias que antecederam a partida. Afinal, ele já era bicampeão mundial com a Seleção Brasileira e ídolo em todo o país.

- Pelé foi paparicado de todos os jeitos possíveis. As pessoas o convidavam para visitar fazen-



das, para almoçar, para pescar, era paparicação o tempo todo. Isso tudo ao mesmo tempo em que a torcida do Noroeste esperava que o craque não acertasse sua situação com o Santos até, pelo menos, o jogo em Bauru - relata João Francisco.

Foi assim desde a segunda-feira, quando Pelé pisou em Bauru, até o domingo, dia do confronto.

Mas a semana do Rei em Bauru não foi somente de realeza. Dedicado como era, Pelé treinou no campo do BAC para não ficar fora de forma. Em seus treinamentos, encontrou os funcionários do Banco de Crédito de Minas Gerais, que jogavam no local duas vezes por semana, se enturmou e até jogou com eles.

Quem se lembra bem disso é o jornalista César Savi, que hoje tem 74 anos. Ele nos recebeu em sua casa e ofereceu café com canela para dar início à prosa. Nós dois nunca havíamos tomado café com canela, mas sem graça de negar, aceitamos e participamos da conversa na mesa, deixando nossas xícaras pela metade. Seria bem melhor se fosse somente café.

Já repetindo a terceira xícara, Cesar Savi conta que na época trabalhava no banco mineiro em Bauru. Os empregados do banco tinham um time que jogava futebol de várzea e treinava às quartas e sextas-feiras no Bauru Atlético Clube. Pelé foi convidado para participar, e é claro que aceitou.

- Convidamos o Pelé para treinar com nossa equipe. Ele jogou conosco na quarta e também na sexta-feira. Foi uma experiência fantástica atuar

juntamente com o melhor jogador de futebol da história. Mas talvez o mais impressionante é que depois do treino oficial, ele ia pro gol e dizia pra todos que quem marcasse gol nele ganharia um guaraná. E por incrível que pareça, não conseguiram marcar gol no Pelé. Colocavam a bola em cima, embaixo, e ele defendia tudo. Tanto na quarta quanto na sexta-feira o calor era insuportável, pedimos para ele comprar uma caixa do guaraná, mas ele é pão duro, se negou a pagar e falou pra gente tomar água na torneira. Inesquecível - ri César Savi das próprias lembranças.

Depois de tudo isso, no sábado, a delegação do Santos chegou a Bauru e finalmente clube e jogador chegaram a um acordo: Pelé renovara o contrato e enfrentaria o Noroeste!

No domingo, dentro de campo, foi realizada aquela que é considerada por muita gente uma das maiores partidas da história do futebol profissional bauruense.

Pelé abre o placar. Daniel empata. Pelé coloca a equipe litorânea de novo na frente. Zé Carlos iguala tudo outra vez e Daniel marca de novo, completando a virada do Alvirrubro. A cinco minutos do apito final, Pelé marca seu terceiro gol na partida: 3 a 3.

Pouco depois, o Rei simula pênalti, enganando o árbitro. O próprio Pelé cobra e converte a penalidade, anotando seu quarto tento no jogo e decretando a vitória santista sobre o Noroeste por 4 a 3.

João Francisco comenta sobre o embate histó-

rico:

- Eu era da extinta Associação dos Cronistas Esportivos de Bauru e assisti o jogo na cabine da Rádio Tupi, ao lado de Pedro Luiz, o maior locutor esportivo do rádio brasileiro, e de Mário Moraes, o comentarista. Eram dois monstros sagrados, que ficaram boquiabertos e estarecidos com a atuação do Pelé e pareciam não se cansar de exaltar a genialidade do camisa 10 do Santos.

Nas arquibancadas, a indignação tomou conta da torcida bauruense, que tanto zelara pelo bem estar de Pelé nos dias anteriores.

- A torcida ficou nervosa, os jogadores do Noroeste cercaram o juiz, que expulsou cinco. E a torcida começou a xingar o Pelé de ingrato, traidor, mercenário, mal agradecido. Os torcedores perguntavam, com muito sarcasmo e muita raiva, se era daquele jeito que o Rei do Futebol pagava a hospedagem de uma semana na cidade - se diverte o historiador.

Apesar da revolta que a torcida do Noroeste sentiu naquele momento, João Francisco não acha que Pelé foi ingrato com Bauru. Para ele, os xingamentos aconteceram porque os nervos dos torcedores estavam à flor da pele.

- Reconheco a genialidade do Pelé. Os quatro gols dele foram de “virar do avesso”. Foi um belíssimo confronto. O Noroeste tinha um time muito bom, mas Pelé liquidou o jogo - opina Tidei.

Outra pessoa que se recorda desta disputa entre Noroeste e Santos é o jornalista Paulo Sérgio Simo-

netti, hoje diretor da Rádio 94FM de Bauru, que cobriu os primeiros passos do Atleta do Século na Cidade Sem Limites.

De acordo com Paulo Sérgio, a torcida não soube tratar Pelé com cordialidade, já que na ocasião ele inclusive agrediu o então médico do Noroeste, Danilo Campana. Simonetti acredita que a torcida bauruense “pegou bronca” do Pelé naquele momento. Então houve um período de desgaste, entre Pelé e Bauru, no começo dos anos 1960.

- Aquela torcida do Noroeste era muito grande, não é igual a hoje. Antes o bauruense era noroestino de fato e tinha simpatia por Corinthians, Palmeiras ou São Paulo. Hoje essa situação se inverteu: quem é de Bauru torce por um grande clube da capital e, no máximo, simpatiza pelo Noroeste. Por isso, o rancor que algumas pessoas daqui da cidade sentiram depois daquele jogo contribuiu para afastar Pelé de Bauru e vice-versa - diz Paulo Sérgio.

#### JOÃO FRANCISCO: A RELAÇÃO ENTRE PELÉ E BAURU

- Acho que o Pelé não tá nem aí pra Bauru. Ele não tem nenhum carinho pela cidade.

É desta forma que o historiador João Francisco Tidei de Lima acredita que o Rei do Futebol veja a

### Cidade Sem Limites.

O ex-professor pensa que, apesar de Pelé ter convivido com muitas pessoas e feito grandes amizades em Bauru, não foi criado um vínculo significativo entre o Atleta do Século e o município. Aliás, João Francisco vai mais além quando afirma:

- No Brasil nós temos memória curta. Tanto que a cada 15 anos esquecemos o que aconteceu nos 15 anos anteriores. Nossa memória é apagada com facilidade, diferentemente do que acontece em outros países. Em outros lugares a memória é reverenciada de outra forma, é uma questão cultural.

Apesar disso, o ex-professor vê com bons olhos uma possível reaproximação entre Bauru e Pelé. Para ele, é necessário que o poder público municipal entre em contato com o staff de Pelé e solicite doações de itens que poderiam compor um acervo. João Francisco enxerga também a necessidade de promover um grande evento que entre para a história como o dia em que a cidade e o ex-jogador finalmente “deram-se as mãos e fizeram as pazes”.

- Uma personalidade mundial como o Pelé, por si só, demanda um acontecimento grandioso. Primeiramente, é necessário encontrar um espaço na agenda dele, o que não é nada fácil. Depois, a imprensa precisaria ser convocada em peso, com o objetivo de chamar a atenção das pessoas, tanto em Bauru quanto no resto do Brasil e do mundo. Bauru faz parte da história de Pelé e Pelé faz parte

da história de Bauru. Não é justo que uma relação tão rica assim simplesmente desapareça - esbraveja João Francisco.

Embora o historiador João Francisco Tidei de Lima seja tão enfático em suas falas, outro docente universitário discorda dele em um ponto: o antropólogo Cláudio Bertolli.

- Não concordo que o brasileiro tenha memória curta. Acho que um ídolo, para ser abraçado pela população, precisa ter feito algo que seja amplamente reconhecido. Pelé é um ídolo nacional, tanto que parou de jogar há 40 anos e ainda é reconhecido em todo o Brasil. Um dos elementos que compõem a identidade brasileira é: “nós somos o país do futebol”. Portanto, posso dizer que os grandes jogadores vão ficar na memória nacional - afirma Bertolli.

Vale a pena repetir aqui uma citação do antropólogo reproduzida no capítulo anterior: “O bauruense enxerga Pelé como uma figura importante, mas não há uma ligação significativa a nível local”.

## O REENCONTRO

Foi quando eu vi, depois de 25 anos, Pelé num corredor, cheio de gente. Eram fotógrafos, fãs e pessoas que queriam registrar aquele momento. Eu estava ali, minhas mãos tremiam e a emoção de reencontrá-lo depois de tanto tempo era um sonho que se realizava. Será que ele iria se lembrar de mim? Por que se lembraria? Faz tanto tempo, a gente era criança, brincávamos juntos. Ele conheceu tanta gente e foi embora de Bauru. Mas lembrou de mim. Eu tinha certeza que lembraria. Antes, junto com Maurício de Souza, ele lembrou de mim: eu era o goleiro do gibi do Pelé. Por que ele não lembraria agora? No fim das contas, um braço estendido, um aperto de mão amigável e as primeiras palavras depois de tanto tempo sem me ver foram “Você está muito bem, Frangão”. Sim, ele lembrou de mim, lembrou do meu apelido e fez questão de me elogiar, dizendo que eu gozava de boa saúde, no auge dos meus 74 anos. Eu, que achei que nunca mais encontraria Pelé, pude revê-lo e abraçá-lo por instantes. Agora, sei que nunca mais poderei vê-lo, mas posso morrer com a certe-

za que o Rei se lembrou de mim e de que fui importante em sua vida. Este dia não sairá da minha memória nunca, nunca.

É assim que Nero Bergamino, o Frangão, descreve o último encontro entre Pelé e os personagens do gibi “Pelezinho”, criado por Maurício de Souza. O desenhista contou com a ajuda do Rei para definir os personagens que fariam parte desta história: Frangão e Canabrava foram parte disso.

O reencontro aconteceu em 2010, em Jundiá, quando Pelé inaugurou uma escolinha de futebol na cidade.

Em Bauru, as pessoas comentavam que Frangão e Canabrava jogaram juntos com Pelé nos campinhos de terra na cidade, mas não havia relatos que comprovassem o fato. Pelo menos é o que pensa Denílson Mônaco, chefe de redação da TV Tem de Bauru:

- As pessoas mais novas duvidavam que Frangão ou o Canabrava jogaram mesmo com Pelé. Foi aí que surgiu a ideia de promover o encontro entre as partes e a partir de então, fazer uma matéria para a televisão.

Mas está enganado quem pensa que foi fácil conseguir promover o encontro entre o Rei e os antigos amigos bauruenses. Denílson demorou cerca de um ano e meio até conseguir espaço na agitada agenda do Rei. No dia marcado, o repórter Giuliano Tamura, o cinegrafista Carlos Torrente, Denilson Mônaco e os personagens Canabrava e Frangão partiram da Cidade Sem Limites rumo à



Jundiaí.

- Eu me lembro de quando o repórter veio até a minha casa, dizendo que o dia enfim chegou, que reencontraríamos Pelé. As borboletas voavam no meu estômago e estava difícil de contar a ansiedade. Eu não o via desde 1975, quando ele veio receber o título de Cidadão Bauruense. Mas para mim, que achava que morreria sem dar o último adeus ao Rei, a surpresa foi grande. E assim fomos - a emoção de José Luiz Canabrava, pedreiro aposentado, aumentaria poucas horas depois.

Em Jundiaí, uma multidão esperava por Pelé, afinal todos queriam um registro do Rei. E ele chegou em um carro importado blindado, cercado por várias seguranças. O tumulto começou. Era um “empurra-empurra” de todo lado e uma barreira de brutamontes se formou para que o Rei pudesse passar. E ali no meio estavam os dois personagens da infância de Pelé, que trocaram aquele domingo pacato em Bauru por um dos dias mais agitados de suas vidas.

Depois de driblar todos os fãs, fotógrafos e curiosos na entrada do prédio, Pelé chegou ao auditório, onde concederia uma entrevista. Era a oportunidade que Denílson tinha de colocar os três frente a frente, conforme ele conta:

- Eu chamava, gritava: “Pelé, Pelé”. E nada. Eu apontava para meu lado, onde estavam Frangão e Cana, na esperança que Pelé olhasse para lá. Em vão. Ele não olhou. Mas não tinha porque olhar. Imagine só se Pelé atendessem a todos os gritos com

seu nome que ouvia. Tínhamos uma última chance, que era o contato com a assessora dele. Expliquei que eram os dois amigos de infância de Pelé que viraram personagens do Gibi Pelezinho. Ela me prometeu um encontro separado. Aguardamos ansiosos em uma sala.

Denílson usou do último recurso para tentar promover o encontro. Seria impossível chegar até Pelé, com todos os seguranças e as pessoas ao redor. Falar com ele? Todos ali queriam. Pela assessoria, talvez desse certo. Agora era só aguardar. Trinta minutos depois, a porta se abre parcialmente e Pelé passa por ela. Atrás dele, várias pessoas tentam entrar, mas rapidamente a porta é fechada. Era um encontro exclusivo entre o Rei e seus amigos de infância. Denílson fez as honras da casa:

- Pelé, este é o Canabrava.

- Olá Canabrava, muito prazer, tudo bem?

- Tudo bem. Não se lembra de mim? Jogamos bola juntos em Bauru.

- É o Cana!? Você mudou muito, tá fortinho. Mas o Frangão está muito bem. Vocês estão sumidos, hein? - Pelé se animou ao reconhecer os velhos amigos.

Os três se abraçaram e conversaram durante vários minutos. Pelé, Frangão e Canabrava não conseguiram conter a felicidade e os olhos de todos se encheram de lágrimas. Pelé os havia reconhecido depois de décadas. A reportagem foi produzida e foi ao ar em rede nacional no programa Esporte

Espetacular, da TV Globo, com a seguinte chamada: “Pelé tem reencontro emocionante com amigos de infância de Bauru”.

Apesar de sua experiência como jornalista, Denílson Mônaco ainda se emociona ao falar sobre a matéria com Pelé:

- Foi um momento simplesmente sensacional. O Pelé teve a honra de conhecer os maiores jogadores de futebol da história. Ele teve encontros com reis, príncipes, presidentes e papas. O Pelé teve ainda a oportunidade de estar frente a frente com algumas das maiores personalidades do século XX. Ele é de fato um cidadão do mundo. Mesmo assim, nunca se esqueceu dos amigos de infância. Porque amizade verdadeira é assim mesmo, nunca fica para trás. Na ocasião da reportagem em Jundiaí, Pelé interrompeu tudo o que estava fazendo por causa dos ex-companheiros. O sentimento de emoção foi muito grande entre todos que estavam presentes no local.

## CAPÍTULO 6

### AGORA JÁ POSSO MORRER

**E**ra uma manhã de sábado muito bonita e o sol brilhava forte em Bauru. Os termômetros registravam 26 graus. O dia estava apenas começando. O delegado seccional Aniel Chaves acabava de se arrumar para mais um dia de trabalho. Um policial sentado no banco do motorista de uma viatura o esperava na porta de casa com destino certo: o Aeroporto de Bauru.

Este foi um dos dias mais importantes da carreira e da vida do delegado. Ao chegar ao aeroporto, teve que dividir espaço com a imprensa e também com os milhares de fãs que esperavam o grande momento. Os olhos atentos a qualquer movimento. Cerca de uma hora depois, um avião pousa na pista. Era o avião que transportava o Rei do Futebol, já experiente e consagrado. O ano era de 1975. Quinze de março de 1975.

Pelas escadas da aeronave, surge a majestade e todos aplaudem.

- É o Rei Pelé!
- Viva Pelé! O Rei está de volta.
- Filho, aquele ali é o Pelé, três vezes campeão

do mundo!

Ele acena com a mão direita e sorri enquanto desce do avião. Aniel está ao seu lado e é o responsável por levá-lo até a Câmara dos Vereadores, onde receberia o Título de Cidadão Bauruense. Os dois se abraçam como se fossem velhos amigos. E realmente eram.

- Quanto tempo, Aniel.

- É uma honra recebê-lo em Bauru depois de tanto tempo. Como vão as coisas?

E assim, rumaram ao centro da cidade com destino à Câmara. O dia seria muito agitado, vários amigos de infância queriam rever Pelé e até um jogo de despedida do BAC foi marcado: o Jogo da Saudade.

- Depois do evento na Câmara, fizemos o “Jogo da Saudade”, com ex-atletas do Baquinho. Eu, Célio Almeida, que foi um grande médico de Bauru e teve uma morte trágica, e Silvio Preto, que também já faleceu e era meio campista do Baquinho, fomos os responsáveis por organizar aquele jogo. Então nós, de comum acordo com Pelé, decidimos que toda a renda seria revertida para instituições de caridade – conta Aniel.

Mas, antes da partida amistosa, Pelé recebeu o título de Cidadão Bauruense na Câmara Municipal de Bauru. Em mãos, o cartucho com o título e no rosto uma emoção que não conseguiu conter. Pelé se comoveu e iniciou um discurso de agradecimento:

- Não importa que alguém tenha dito, não sei

quando, que Pelé não gostava de Bauru. Em todos os momentos da minha vida esportiva, em várias partes do mundo, nunca me esqueci desta cidade, às vezes colocando-a acima de minha terra natal, Três Corações. Em todas as vezes que fui chamado a dar entrevista, contando os fatos do início da minha carreira, sempre citei Bauru com muito carinho. E dizia a mim mesmo que não poderia morrer sossegado, enquanto não viesse receber o título de cidadão, que esta Câmara me concedeu em 1962.<sup>1</sup>

Além disso, Pelé, que havia deixado Bauru em 1956, comentou sobre o crescimento da cidade nestes anos todos que esteve fora:

- Ao dirigir-me a esta Câmara, vindo do aeroporto, já não encontrei as áreas de matagal perto ao campo do BAC, onde quando criança, com alguns amigos, costumava catar gariroba. No lugar do mato, vi várias áreas asfaltadas, atestando o progresso de Bauru. Lembrei-me das garirobas e essa lembrança chegou a fazer com que me desagradasse, por momentos, a evolução desta cidade. Acabo de receber o Título de Cidadão Bauruense. Agora, já posso morrer sossegado.<sup>2</sup>

Todos de pé aplaudiram a declaração de Pelé. Os fotógrafos se posicionaram para registrar aquele momento. Com o canudo nas mãos, ele sorri para todos. O discurso emocionado contagiou o público presente. Aqueles que tinham alguma dúvida se o Rei do Futebol guardava mágoa de Bauru logo perceberam o engano.

---

<sup>1</sup>Trecho retirado do Jornal da Cidade de Bauru – 16 de março de 1975

<sup>2</sup>Trecho retirado do Jornal da Cidade de Bauru – 16 de março de 1975

Aniel já preparava a saída de Pelé da Câmara dos Vereadores e, novamente, teria que conter o empurra-empurra que se formava ao redor da celebridade mundial. O destino à tarde seria o antigo campo do BAC, onde Pelé se reuniria com os amigos e mataria a saudade das pessoas e do lugar que aprendeu a jogar bola.

#### ANTES DO “JOGO DA SAUDADE”, UMA VISITA IMPORTANTE

Como já dito anteriormente neste livro, Pelé tinha um amigo de infância bauruense que ele mesmo considera como seu irmão branco: Raul Marçal. E foi justamente por um pedido do Pelé que Aniel alterou o itinerário programado para o início daquela tarde.

- Aniel, por favor, vamos comigo até a casa do Raul. Quero conversar com ele e rever sua família, com quem há anos não tenho contato – disse Pelé.

- Claro, com certeza – completa o delegado.

Já na casa de Raul, mais pausa para fotos. Pelé e Aniel estavam elegantíssimos, trajando ternos claros. O delegado com um óculos Ray Ban Aviator. Foi quando uma cena chamou muito a atenção de Aniel: Pelé cumprimentou a mãe de Raul, a segunda mãe do Rei do Futebol, Dona Emirene. Era ela que o confortava nos tempos difíceis da

infância vivida em Bauru, quando Dona Celeste não estava por perto. Quando passava o final de semana na casa do amigo, em Curuçá, pra poder jogar bola nos finais de semana. Parecia que ali, naquele momento, Pelé queria retribuir todos os favores que a mãe de Raul dera a ele na infância, enquanto não era o melhor do mundo. Era apenas o Dico, filho de Dondinho e Dona Celeste, moradores da Rua Rubens Arruda, em Bauru.

- Ele deu um longo abraço naquela senhora e retirou do bolso um relógio de ouro que escolheu a dedo para presenteá-la. Longe das câmeras e da imprensa, ele quis presentear uma pessoa que o ajudou imensamente em sua infância. Eu fui um dos únicos a ver aquela cena e até hoje me arrepia lembrar. Isto mostra a grandeza deste homem. Presenteou com um relógio de ouro a quem comprava meias para usar nos dias de frio durante a infância – relata Aniel, emocionado, referindo-se ao fato de que a mãe de Raul, sempre que comprava algo para o filho, também comprava para Pelé. Afinal, eram irmãos.

## AGORA SIM, BOLA ROLANDO

Enfim, chega o momento tão esperado. Depois dos diversos encontros, de matar a saudade de muita gente, Pelé está pronto fazer o que mais gosta: jogar



futebol. E nada como fazer o que mais gosta na presença de velhos amigos. Conforme dito, Aniel organizou o jogo no antigo campo do BAC, onde pontualmente, às 15h, o juiz Edson Massa se posiciona com a bola debaixo dos braços no centro do gramado.

Em campo, Baquinho contra Caçula, equipes que fizeram a final do Campeonato Infanto-Juvenil de 1953, em Bauru. O time de Pelé vinha com o excelente goleiro Salvador. Patinha, Osmar, Edir e Aniel eram a linha defensiva. Já no meio-campo o craque Paçoca era o responsável por armar as jogadas e Picão de volante. Na linha de frente vinha Maninho, Dulfe, Silvinho e o craque Pelé. Outros nomes ainda estavam no banco de reservas.

- Piiiiiiii – apita o juiz, está valendo!

A euforia toma conta das arquibancadas e todos torciam para Pelé fazer as jogadas geniais que o consagraram. Mas se engana que pensa que foi fácil, já que o Caçula não veio para perder e também contava com grandes nomes. Com dez minutos vem a primeira chance do Caçula, depois de um chute de Ari, que obriga Salvador a fazer excelente defesa. Aos catorze, Pelé marca o primeiro – 1 a 0 Baquinho, para alegria das cinco mil pessoas presentes. Aos 18, Pelé percebe o goleiro mal posicionado e chute de longe. A bola quica no morrinho artilheiro e morre no fundo das redes: 2 a 0.

- É goleada! Assim tá fácil.

- Vem pro meu Palmeiras, Pelé! – grita outro

torcedor na arquibancada.

Quando todos já esperavam uma goleada, o Caçula surpreende logo depois. Aos 20, Nelsinho escora depois de cruzamento de Macéri. Salvador fica rendido no lance: 2 a 1. Pelé pega a bola no funda das redes e a leva para o centro do campo, pedindo para Dulfe rolar a bola.

Feito. Pelé olha pra frente e começa a driblar todo o time. Passa um, passa dois, passa três. Que alegria! Pelé faz a fila, dribla meio time e toca na saída do goleiro Aldo, fazendo o terceiro gol do Baquinho, terceiro dele. Mesmo assim, o Caçula é time valente e não desiste. Aos 32, Osmar faz pênalti em Curtis. Máceri cobra e faz: 3 a 2 e o Caçula vivo no jogo. E assim termina o primeiro tempo sob forte chuva em Bauru.

Cinco minutos depois, os times retornam para o início do segundo tempo. Várias alterações foram feitas, não por questão tática e sim porque nem todos aqueles que jogaram com Pelé tinham um porte físico que aguentasse muito esforço. O Caçula ganhou uma injeção de ânimo e logo aos dois minutos do segundo tempo empatou o jogo com Eliseu, após bobeadada da zaga. E aos doze, o Baquinho tomou a virada com Curtis: 4 a 3 para o Caçula.

Mas o Baquinho é guerreiro. Além disso tem Pelé, que tabela com Milton, que avança e chuta forte: 4 a 4, com 24 minutos. Que jogão! O jogo esfria, assim como o tempo em Bauru. Edir, de pênalti, aos 28 e Miro, aos 31, dão números finais

ao clássico: 6 a 4 Baquinho, com show do Rei.

Os ânimos estavam exaltados e ao final do jogo todos se abraçaram. Era o retorno do Rei do Futebol aos campos bauruenses. E que retorno. Mas, poucos sabiam que este seria o último retorno dele a Bauru que se tem registro. Já se passaram mais de 37 anos do Jogo da Saudade, do Título de Cidadão Bauruense – a única e última homenagem a Pelé – e a dúvida permanece: Será que a última visita de Pelé a Bauru vai ser a de 1975? Seria, para nós, no mínimo, vergonhoso.

## CAPÍTULO 7

### RACISMO CONTRA PELÉ EM BAURU

— **E**u me lembro muito bem, pois estava junto com o Pelé naquele dia. Era um carnaval e a gente se preparava pra festejar no BTC – apesar dos 74 anos, Canabrava falava com uma convicção ímpar quando perguntado sobre o episódio de racismo que Pelé supostamente teria vivenciado em Bauru.

Era natural. Foi a ideia que Canabrava nos passou depois de responder à pergunta. O racismo naquela época era algo comum, leviano.

- Aconteceu mesmo, era coisa normal com quem era preto. Nem ligamos, éramos quase crianças. Logo em seguida fomos para o Paulista, porque lá aceitavam a gente – resume Canabrava.

Com a mesma naturalidade que Canabrava tratou a situação, acreditamos que Pelé tenha feito o mesmo. Eram muito jovens, talvez não entendessem ou nem ligassem para isso. E mais: talvez Pelé nem se lembre mais desse caso.

Por fim, Canabrava justificou o porquê de tentar entrar no BTC no carnaval daquele ano:

- A mulherada era mais ajeitada. Só tinha mulher bonita. E Pelé também gostava de mulher

bonita. Por isso tentamos entrar lá. De nada adiantou. Acabamos no Paulista e só espiando as que haviam por lá. No fim, como sempre, voltávamos sem pegar ninguém.

O historiador Luciano Dias Pires dá outra versão para o mesmo fato e refuta a ideia de que tenha acontecido qualquer episódio de racismo com Pelé em Bauru:

- Essa história de que não deixaram o Pelé entrar no BTC porque era negro é pura balela. O Zoca, irmão dele, desmentiu tudo para mim uma vez: ele me confirmou que era carnaval no Clube Paulista e não deixaram o Pelé entrar porque não era sócio, não teve nada de racismo. E também não tem nada de Tênis Clube. Mesmo que fosse o Tênis, este era um clube fechadíssimo. Para me associar, eu mesmo precisei que cinco sócios me aprovassem. Era muito difícil ter acesso aos eventos do BTC. Portanto, quero deixar claro que não existiu nada de racismo... Foi só um baile de carnaval no Paulista e não deixaram o Pelé “moleção” entrar simplesmente porque não era sócio.

Raul Marçal, o amigo mais próximo de Pelé, prefere simplificar as coisas e afirma que não sabe sobre nenhum caso de racismo contra o Rei do Futebol:

- Na nossa infância e juventude não tínhamos acesso a luxos como o BTC. Se quiséssemos acompanhar alguma partida de tênis ou vôlei no Tênis Clube, tínhamos que subir no muro pra ver. Não tinha nada de racismo. A gente só queria saber de

jogar bola na rua.

É fácil perceber que o suposto caso de racismo contra Pelé em Bauru é controverso e vago. Existem poucas evidências sobre o episódio. O que as pessoas falam sobre o assunto é contraditório. O próprio Pelé já negou que tenha sofrido preconceito na Cidade Sem Limites por causa da cor de sua pele. Se a discriminação existiu, já ficou no passado.

## VIAGENS INESQUECÍVEIS

**E**ste capítulo merece uma atenção especial de você, leitor. Primeiro porque foge um pouco do assunto do livro, que é a relação entre Pelé e Bauru. Segundo, porque foram com os relatos abaixo que nós mais nos emocionamos, assim como os dois entrevistados com quem conversamos.

Pelé também é humano. Foi esta a ideia que nos veio à mente no momento dos relatos empolgados dos dois senhores sentados em nossa frente. Dentre as várias perguntas que fizemos, em ambas entrevistas, as respostas mais emocionadas foram relacionadas às viagens ou reencontros feitos a convite do Rei do Futebol. Poxa! A dimensão que temos de Pelé como jogador é muito grande. Como já dito anteriormente, ele é o Atleta do Século, tem três Copas do Mundo nas costas. Que honra se fôssemos amigos dele!

- Neste época, Pelé era Ministro dos Esportes do governo de Fernando Henrique Cardoso. Era o ano de 1996 – diz Aniel Chaves, apontando para uma das fotos do empoeirado álbum vermelho intitulado de “Lembranças do Rei”.

Aniel estava gostando de falar sobre ele e Pelé naquela entrevista. Era algo prazeroso para o delegado aposentado, pois dava pra ver o entusiasmo em suas falas e expressões. O estranho é que um dia antes, quando ligamos para marcar a entrevista, ele não pareceu nada simpático e a princípio se negou a conversar conosco. Logo depois, recebemos o retorno da ligação: “Tenho um horário amanhã cedo, às 9 horas. Pode ser?” Parecia que havia mudado de ideia. Que queria reviver aqueles momentos e matar a saudade do Rei Pelé.

Pois bem. Voltando ao álbum de fotos, Aniel começa a descrever a viagem que fez com a família, quando passava férias em Santos e se hospedou na Colônia dos Funcionários Públicos do Estado de São Paulo.

- Seu Aniel, o senhor sempre diz que é amigo do Pelé. Leve a gente então para conhecer a casa dele – pede a nora do delegado.

- Não sei se ele vai estar por lá, acho muito difícil. Mas sei onde ele mora. Por que não tentarmos? – responde Aniel, com as chaves do carro em mãos.

Já no bairro que Pelé morava, chamado Pernambuco, Aniel começou a dar voltas nos quarteirões à procura da mansão que mais chamasse a atenção. Assim ele saberia que era a do Rei do Futebol. Era uma mansão enorme, gigantesca. Parecia uma prisão com os muros bem altos.

- Foi quando eu descí e comecei a rodear a mansão na esperança de encontrá-lo. Por sorte, ele apareceu na sacada. Ele estava com uma camisa



azul da seleção, com o “Brasil” escrito em amarelo e as quatro estrelas abaixo, na região da barriga. – descreve Aniel, segurando na mão uma foto dele e de Pelé, abraçados.

- Ô ministro! – grita Aniel, de longe.

- Quem é? – Pelé responde, para a surpresa de todos.

Aniel, retirando os óculos escuros diz: “Sou eu, o Aniel, de Bauru”.

- Grande Aniel! Que satisfação – Pelé, feliz em rever o amigo, se apronta em descer para abrir o portão e recepcionar o povo bauruense.

Naquele dia Pelé estava com o encanador consertando um vazamento de água na casa, além de vários outros compromissos. Ele não teria tempo de dar a atenção necessária a Aniel sua família, segundo o próprio delegado. Portanto, marcaram para as 15h do dia seguinte, um sábado, o reencontro com mais calma. E assim foi. No dia seguinte, com pontualidade britânica, Aniel toca a campanha da casa de Pelé. E quem atendeu a porta foi Pepito, assessor do Atleta do Século. Aniel e a família ficaram cerca de três horas na mansão de Pelé, conheceram todos os cômodos, inclusive a recheada sala de troféus. Mas nada marcou mais a viagem de Aniel do que aquela foto que segurava nas mãos. Sim, a foto é muito representativa. Por tudo aquilo que aconteceu na vida dos dois e pelo simples fato de partir de Pelé a ideia de registrar aquele momento histórico.

- Pepito, por favor, pegue a bola no vestiário –

diz Pelé.

Prontamente seu assistente se dirige até o vestiário do campinho na mansão de Pelé – vale citar aqui que a grama verde e bem cuidada, assim como o gol com redes, pouco lembra os campinhos de terra que Dico deu os primeiros chutes em terras bauruenses – volta então Pepito com uma bola de capotão em mãos. Aniel não entende muito bem o que Pelé queria. Será que o Rei queria bater uma bolinha e reviver os velhos tempos?

Não. Ele queria registrar aquele momento. Com uma máquina fotográfica em mãos, Pepito pede para os dois se juntarem a fim de caber na fotografia. A intenção era aparecer o gol atrás.

- Aniel, nossos pés, juntos em cima da bola, representam nossa amizade. Significa que estamos juntos. Desde a infância até o momento de morrer – teria dito Pelé, ao emocionado Aniel, que naquele momento chorou, assim como anos depois, ao relatar este acontecimento a dois estudantes de Jornalismo.

A visita continuou, mas deu pra ver que o momento da foto foi o ápice do dia, que nem Pelé e nem Aniel vão esquecer. Deu pra ver também, no dia da entrevista, na casa de Aniel, que os autores deste livro estavam frente a frente com um ícone da história bauruense e da história de Edson Arantes do Nascimento.

## UM CONVITE DE DESPEDIDA

Da mesma maneira que Aniel descreveu com precisão as lembranças de uma viagem a Santos, onde se encontrou com Pelé, Raul Marçal se utiliza da mesma ferramenta: um álbum só para Pelé. Álbum que Raul só vai buscar depois de terminadas todas nossas perguntas e de lançarmos uma dúvida no ar: “O senhor não tem nenhum registro do Pelé?”. É lógico que ele tem. É considerado o irmão branco de Pelé e não vai ter registro algum? Mas era só pra ele perceber que estávamos ansiosos pra ver, fotografar e perguntar o que representavam aqueles registros.

Pelé de terno no casamento de Raul, que na época ainda tinha cabelo. É a primeira foto do álbum. Em seguida, também em preto e branco, a primeira foto dos dois juntos: Pelé, com oito anos no máximo, tímido, com olhar desconfiado, ao lado do amigo Raul e o resto da família.

Na sequência, Raul nos mostra um ingresso – talvez o mais valioso que exista no mundo todo, entre todos os colecionadores. Era o ingresso do jogo de despedida de Pelé no New York Cosmos, em 1977. O jogo foi contra o Santos e Pelé jogou pelos dois times, um tempo cada. Em Nova Iorque, naquele 1º de outubro de 1977, às 14h05, no mezanino do Giants Stadium, portão B, cadeira 53, estava sentado Raul Marçal, assistindo ao jogo de despedida do Atleta do Século ao lado de 75

mil pessoas. O time da casa venceu por 2 a 1, com direito a gol de Pelé.

- Foi emocionante pro senhor? – fazemos a pergunta óbvia.

- Lógico, e isso não me esqueço jamais. Alguns meses antes do jogo de despedida, recebi um telefonema da assessoria do Pelé me fazendo o convite pra ficar uma semana em Nova Iorque para a despedida do Rei do Futebol. Na hora eu gelei, achei que fosse trote, mas não era. Caipira do jeito que sou, perguntei quanto ficaria a conta, hospedagem, passagem e essas coisas. Foi quando veio a resposta do outro lado da linha: “Senhor, isto é um convite oficial do Pelé. O senhor tem direito a hospedagem no Drake Hotels, durante sete dias, com direito a acompanhante, e tudo pago”. E eu que não tinha nem passaporte, em uma semana consegui me virar e embarquei depois junto com minha esposa – conta Raul, já mais descontraído, lembrando aquele grande momento.

Conforme virava as páginas do Álbum, Raul descrevia cada momento mágico que passou ao lado de Pelé, em Nova Iorque. A camisa grená escrita “Amigão - Dracena” que Pelé vestia foi um presente de Raul, que na época morava na cidade próxima a Presidente Prudente. Lá, inclusive, Raul recebeu o título de Cidadão Dracenense.

- Título de cidadão eu também tenho! Mas quem sou eu perto de Pelé? Ele merece muito mais que apenas um título de cidadão como homenagem – critica Raul, dando uma pausa nos relatos da

viagem para falar do assunto já tratado neste livro.

Já se passaram mais de 35 anos desde que Raul fez a viagem para acompanhar a despedida do Rei do Futebol dos gramados. Depois disso, se encontraram mais algumas vezes, mas há algumas décadas Raul só conversa com Pelé por meio de cartas.

- É muito difícil conversar com o homem. Nenhum amigo tem o contato direto dele, só a família mesmo. Da última vez, já em 2012, fui a Santos ver o clássico do time da baixada contra o Corinthians. Só consegui falar com a irmã do Pelé, que já me avisou de antemão a impossibilidade de rever meu amigo – finaliza Raul, triste ao saber que Pelé embarcara aos Estados Unidos para um compromisso no mesmo dia do jogo.

## CAPÍTULO 9

### JORNALISTAS DA NOVA GERAÇÃO DE BAURU

**É** em clima de ansiedade que o repórter esportivo Gustavo Longo nos recebe, na manhã de uma quarta-feira de junho, na redação do Jornal Bom Dia de Bauru, onde trabalha há 1 ano e meio. O que faz Gustavo tão nervoso? Horas mais tarde, o time do coração dele, o Santos, entraria em campo no Pacaembu para disputar com o Corinthians uma vaga na final da Taça Libertadores da América de 2012. Não custa nada lembrar, apesar de o leitor cuja memória é mais aguçada provavelmente saber que Timão e Peixe empataram em 1 a 1, o que garantiu o lugar da equipe paulistana na decisão do torneio continental.

Mesmo assim, Gustavo conseguiu achar uma brecha em sua carregada rotina cheia de pautas e reportagens para falar conosco. Logo de cara, ficou nítido que o jornalista do Bom Dia viveu experiências parecidas com as quais nós, autores desta obra, passamos na Cidade Sem Limites:

- Sou de Porto Ferreira e vim a Bauru 6 anos atrás para cursar Jornalismo na Unesp. A primeira

coisa que tentei fazer quando cheguei aqui foi visitar o lugar onde Pelé jogou, mas me deparei com um supermercado no local. Então imediatamente percebi que existia sim um distanciamento entre o Rei do Futebol e a cidade. Posso dizer que, no meu caso, este fato tem um agravante: sou santista roxo, então Pelé é como um deus para mim. Agora, já formado e trabalhando no meio esportivo, depois de aprofundar meu conhecimento, digo que essa relação apagada realmente existe e é um problema que não será amenizado tão cedo.

- Este problema parte somente de Bauru para Pelé ou também de Pelé para Bauru? - perguntamos.

- Com certeza é um problema bilateral. É bem perceptível o distanciamento de Pelé em relação a Bauru. No entanto, entendo perfeitamente que ele prefira Santos a Bauru. Nossa cidade por muito tempo não tentou resgatar a história do Pelé: não tem estátua, o estádio do BAC foi demolido, não guardaram traves, redes nem lembranças dele. Até mesmo os troféus que o Rei do Futebol conquistou por aqui estão perdidos em algum canto. A cidade fez pouco caso com o Pelé e ele, no auge, também fez pouco caso com a cidade. Não sei quem começou toda essa história, mas é algo que vem dos dois lados, por isso acho que uma reconciliação será muito difícil. Tanto Bauru quanto Pelé têm que criar alternativas para reparar isso.

Conforme a conversa flui, Gustavo parece se esquecer da partida entre Santos e Corinthians.

Ele se empolga ao falar sobre seu maior ídolo e chega a propor soluções para a reaproximação entre Bauru e Pelé:

- A cidade tem que mostrar para Pelé que não esqueceu a passagem dele aqui. E isso tem que partir da Prefeitura e da Secretaria Municipal de Esportes. Acho que um museu seria uma coisa bacana, ou mesmo uma estátua. Já o Pelé poderia deixar de ser um homem de negócios e ser mais caseiro, pelo menos agora que ele já está com 72 anos. Portanto, uma eventual visita dele a Bauru tem que ser providenciada logo. Os atletas que jogaram com ele estão envelhecendo, assim como o próprio Pelé. Então precisamos reatar a relação dele com a cidade o mais rápido possível. Se deixarmos tudo para depois pode ser tarde demais, senão existe o risco de os bauruenses mais novos não aceitarem uma homenagem ao Pelé.

Quando resolvemos questionar Gustavo sobre o papel da mídia bauruense no assunto Pelé-Bauru, ele não deixa de admitir as próprias responsabilidades:

- Faço uma crítica a nós mesmos, jornalistas de Bauru! Não fazemos questão de relatar a história do Pelé na cidade. Retratamos sempre as mesmas pautas, conversamos com os mesmos ex-jogadores e revivemos algumas passagens do Baquinho. Não vejo a iniciativa, por parte dos veículos de comunicação locais, de publicar uma reportagem aprofundando sobre a história do BAC. Havia rivalidade entre Noroeste, o time “sobrevivente” de Bauru,



e o BAC, então talvez por este motivo as próprias redações tenham receio quando se trata sobre o ex-time de Pelé. Tudo isso faz com que o Pelé vire assunto somente quando faz aniversário, por exemplo.

Conforme os minutos passam, a sede do Jornal Bom Dia vai ficando mais agitada. Repórteres chegando, fotógrafos saindo, editores distribuindo ordens e telefones tocando. Até mesmo uma senhora entra na redação e tenta, sem sucesso, nos vender cocadas. Gustavo Longo, habituado à correria do jornal diário, não parece se incomodar. À vendedora de cocadas ele educadamente diz que está de dieta e por isso não pode comprar os doces. Depois disso, volta sua atenção novamente para nós e continua seu raciocínio:

- Bom, prosseguindo, não é?! Hoje em dia, se publicássemos uma matéria sem gancho, sem justificativa, o torcedor bauruense não aceitaria. São tantos anos de afastamento mútuo entre Pelé e Bauru que o público local não gostaria de uma reportagem sem nexos, do nada. O elo está rompido, o torcedor mais novo não vê Pelé como filho de Bauru. Penso que o fato de Pelé ter atuado pelo Baquinho contribui para esse desgaste. O Noroeste sempre foi mais popular na cidade, sempre fez mais sucesso. Então, a questão de Pelé ter jogado no BAC e não no Noroeste influenciou nesse esquecimento. O Toninho Guerreiro, ídolo noroestino, é mais respeitado em Bauru do que Pelé, justamente por ter defendido as cores do Norusca .

O leitor já viu, no capítulo 4, que o Atleta do Século chegou a vestir a camisa alvirrubra do Noroeste em três partidas. Porém, ele brilhou na Cidade Sem Limites usando as vestes azuis e brancas do Baquinho, que nem existe mais, e é este o argumento que Gustavo Longo utiliza para justificar a falta de material jornalístico produzido em Bauru sobre o Rei.

De acordo com o jornalista do Bom Dia, o Noroeste sempre teve maior aceitação nas camadas populares do município, enquanto o BAC era um time de elite. Na visão de Gustavo, isso também contribuiu para que Pelé fosse um tanto “esquecido” pelos meios de comunicação bauruenses.

É válido ainda citar uma nota sobre Toninho Guerreiro, mencionado pelo repórter. Segundo a “Lancepédia”, enciclopédia sobre futebol do Jornal Lance, Toninho Guerreiro, falecido em 1990, foi um dos maiores ídolos da história do Noroeste, tendo atuado na equipe bauruense entre 1960 e 1962 e também em 1975. Toninho foi ídolo do Santos, inclusive jogando ao lado de Pelé. Ele defendeu a equipe da Vila Belmiro entre 1962 e 1969. Ainda conforme a “Lancepédia”, Toninho Guerreiro jogou pelo São Paulo de 1970 a 1973 e pelo Flamengo em 1974.

Na redação do Bom Dia, Gustavo Longo olha seu relógio. Seria um indicativo de que ele precisa encerrar a conversa e retomar o trabalho? Imaginamos que sim, então tentamos nos apressar:

- Você é de uma geração que não viu Pelé jogar.

Mas baseado em relatos e vídeos, dá para afirmar que ele é o maior jogador de futebol da história?

- É difícil dizer com certeza que ele sempre será o maior de todos - responde Gustavo - Desde que Pelé parou, não vejo nenhum atleta que possa superá-lo, nem o mesmo o argentino Lionel Messi. Vejo, através de melhores momentos, que Pelé tinha recursos praticamente infinitos, e os números ajudam a mostrar isso. Tanto que ele marcou mais de mil gols somente pelo Santos e conquistou três Copas do Mundos. Isso mostra como Pelé está acima da média. Pode surgir algum jogador que chegue ao seu nível, mas não acho que seja o Messi, Cristiano Ronaldo ou Neymar.

Em clima de fim de conversa, aproveitamos a deixa:

- E o Neymar, consegue levar seu Santos para a final da Libertadores?

Gustavo se agita, lembrando de repente sobre a partida importante que assistiria logo mais:

- Tinha até esquecido! Vai ser difícil me concentrar hoje. A situação está difícil para o Santos, mas vamos ver...

A entrevista que Gustavo Longo nos concedeu foi tranquila, mas o restante da jornada de trabalho daquela quarta-feira deve ter sido difícil para esse santista fanático. E, para todos os santistas do Brasil, o dia não ficou nada melhor após o apito final no Pacaembu...

## UM MINEIRO ADOTADO POR BAURU

Um jovem que chega a Bauru vindo de Minas Gerais. Pelé? Claro! Mas outro mineiro que se mudou para a Cidade Sem Limites será citado aqui: o jornalista Fernando BH, da Editora Alto Astral.

Ao contrário do que o nome artístico indica, Fernando não nasceu em Belo Horizonte, mas sim em Ituiutaba. O motivo do apelido é que ele morava na capital mineira logo antes de chegar por aqui. Daí, o “BH” pegou e virou nome profissional.

Com seu jeito mineiro de ser - calmo e tranquilo - Fernando BH nos recebe no fim de tarde de uma sexta-feira chuvosa na sede da Alto Astral. Estagiários, jornalistas e funcionários da editora passam pela catraca com pressa, desejam um bom fim de semana à recepcionista e abrem seus guarda-chuvas antes de se aventurarem pela Rua Gustavo Maciel, na zona sul de Bauru.

O expediente já acabou, mas Fernando BH é prestativo e fica mais um pouco no trabalho para falar conosco. Imediatamente nos desculpamos pelo incômodo:

- Nossa! Só tem você por aqui!

- Relaxem, estou na editora há quase 10 anos! Mais alguns minutinhos não vão matar ninguém - responde ele.

- Conforme te falamos por telefone, nosso Trabalho de Conclusão de Curso é sobre o Pelé. Você pensa que existe mesmo uma separação entre ele

e Bauru?

- Quando a gente entra nesse assunto, é muito automático botar na conta do Pelé, que ele virou as costas para a cidade. De certa forma, ele não fala muito de Bauru, mas é preciso analisar o lado de cá também, não é mesmo?!. Por exemplo, a casa que ele comprou na Rua Sete de Setembro está caindo aos pedaços. Falou-se muito em transformar o local em um museu, mas até agora vi pouquíssima ação.

- Mas, na sua visão, a relação Bauru-Pelé é estremecida?

- É difícil falar estremecida, já que quando ele fala da sua infância e trajetória, sempre cita Bauru. Mesmo porque a cidade faz parte da história de vida dele. Você não vê nenhuma mágoa, mas também não há nenhum entusiasmo. A impressão que tenho é que a vida dele é em Santos. E como é muito requisitado, viaja demais. Parece que como Bauru virou uma página do passado de Pelé e ele não faz muito esforço para resgatar, é indiferente. Não é necessariamente mágoa, intriga ou relação estremecida. É uma simples e sutil indiferença. Nem Pelé nem Bauru demonstram esforços por uma reaproximação.

A copeira da Editora Alto Astral, muito gentilmente, nos serve um cafezinho. Depois que ela deixa a sala, prosseguimos com a entrevista:

- Existe uma solução para que Pelé e Bauru reatem definitivamente?

- A palavra-chave nesse sentido é “iniciativa” -

responde BH - O ideal seria que empresas e poder público unissem forças para promover um evento de grande porte que trouxesse Pelé a Bauru. Exagerando um pouco, pode-se dizer que qualquer coisa que o Rei toca vira motivo de orgulho e qualquer lugar que ele visita vira um ponto turístico. Então daria para inaugurar um museu, implantar uma estátua e chamar bastante atenção. Tenho certeza de que o retorno seria satisfatório.

- Qual é o papel da mídia na tentativa dessa reunião, Fernando?

- É necessário ter mais pautas a respeito do Pelé e ir além das efemérides. Em 2010, ele fez 70 anos e a mídia em geral, setoristas de todos os locais do Brasil e do mundo, vieram a Bauru entrevistar os antigos amigos dele. Algumas reportagens sensacionais surgiram a partir daí. O fato é que a mídia local bauruense tem força para instigar esse assunto, publicar matérias e até se aproximar do próprio Pelé. Ele diz que está aberto esperando uma brecha na agenda, mas é preciso “chegar junto”. O escritório do Pelé tem endereço e telefone, não pode ser tão difícil e distante assim.

Além de suas atividades como jornalista na Editora Alto Astral, Fernando BH mantém um blog, o Canhota 10. No dia 16 de agosto de 2012, Fernando publicou uma notícia dizendo que um filme sobre o Pelé estava nos planos da produtora Imagine. De acordo com a postagem, a ideia seria lançar o longa em 2014, tendo como gancho a Copa do Mundo do Brasil.

O filme teria como ápice a conquista do Mundial da Suécia, em 1958, quando Pelé tinha 17 anos. Portanto, Bauru estaria obrigatoriamente incluída no roteiro. A cinebiografia do Rei vira assunto da nossa conversa com Fernando BH. O blogueiro é cauteloso:

- Tenho minhas dúvidas se esse filme pode ser rodado e lançado até a Copa do Mundo de 2014. Sabemos que um filme de Hollywood não é feito do dia para a noite. Se o filme for mesmo produzido, Pelé tem que vir a Bauru para mostrar onde morou, onde jogou bola, os lugares que frequentou e tudo mais. Aí seria uma oportunidade de reaproximá-lo de Bauru e colocar a cidade no mapa. Poderia ser a deixa para fazer um busto do Pelé, por exemplo. Ele poderia ainda dar nome a algum ginásio ou estádio.

A noite chega. Sabemos que, depois de um longo dia de trabalho, Fernando BH tem esposa e filha à sua espera. Decidimos finalizar o papo, e ele conclui citando outro filme, o documentário “Pelé Eterno”, lançado em 2004:

- O filme “Pelé Eterno” só esteve em cartaz aqui no extinto Cine Bauru e a audiência somada foi de trezentas e poucas pessoas. Quando fui assistir, a sala tinha umas seis pessoas. O “boom” do cinema brasileiro veio depois e o documentário não é hábito do público de cinema do país. Mas de qualquer forma é Pelé, não é verdade?! Por isso, esses números de bilheteria são decepcionantes. Acho que o Brasil só vai amar o Pelé quando ele morrer.

É muito mais fácil ver repercussões negativas a respeito dele do que elogios. Tem muita exaltação por parte da mídia: qualquer coisa que ele fala repercute. Ele é lembrado, todos param para ouvir o que Pelé vai dizer. Só que no Brasil ele não é tão reverenciado quanto no exterior. E isso tem reflexos em Bauru, causando esse distanciamento.

#### CASA DE JORNALISTA E DE ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO

Chegamos pontualmente no horário marcado: 9 da manhã. Tocamos a campainha e não recebemos resposta imediata. Será que ele se lembrou? Ou ainda está dormindo? Depois de alguns momentos de hesitação, ouvimos a porta sendo destrancada e ele sai: roupas largas e confortáveis, dessas que as pessoas usam para ficar em casa, e olhos inchados. O bocejo denuncia que Rafael Antonio Mainini provavelmente estava na cama pouco antes. Ele é narrador da Rádio Virtual Jornada Esportiva e a noite de trabalho tinha sido longa.

Mesmo assim, o jornalista de 32 anos é bem receptivo. Nos sentamos em seu quintal e logo notamos que ele é fã de animais. Uma cadelinha cocker nos dá as boas vindas abanando o rabo para lá e para cá, enquanto um gato se entrelaça nas nossas pernas.



Na companhia dos bichos, damos início à conversa com a pergunta habitual:

- Você enxerga um distanciamento entre Bauru e Pelé, Rafael?

- A impressão que eu tenho é que ele não faz questão nenhuma de falar de Bauru - o locutor esportivo vai despertando aos poucos - Ele cita a cidade apenas quando alguém questiona ou toca no assunto. Existem pessoas aqui que exaltam mais a passagem de Pelé por Bauru do que o próprio Pelé. Profissionais da área de marketing querem insistir que Bauru é cidade do astronauta e do Pelé, mas isso é muito relativo. Acho que ele tem mais identidade com Três Corações, onde nasceu, e principalmente com Santos.

- Existe alguma forma de promover uma reaproximação?

- A cidade precisa reativar a memória de Pelé. São poucas as ações culturais em Bauru para promover e relembrar a história de Pelé. Em Santos, a relação entre a cidade e o Pelé é muito mais próxima e evidente, mesmo porque ele jogou lá profissionalmente. No entanto, não vejo em Bauru a preocupação em identificar Pelé com a cidade. Quem tentou foi o Luiz Carlos Cordeiro, com seu livro, mas é um exemplo isolado de ação. As secretarias municipais de Esporte e Cultura é que deveriam tomar a iniciativa para não deixar essa história ficar para trás

A cachorrinha cocker já se conformou que não é a atração principal do dia e se retirou para o inte-

rior da casa. Mas o gato é insistente e pula em nossos colos querendo atenção. Rafael coloca o animal para dentro e prossegue:

- O Pelé não é uma pessoa acessível, portanto a mídia tem dificuldades em manter contato com ele. Além disso, nós da nova geração do jornalismo não temos tanto conhecimento sobre a história do Pelé em Bauru. Talvez os jornalistas mais experientes pudessem ajudar em algo, mas acho que eles não têm interesse. Acho que a coisa toda esfriou... Penso que resgatar a história de Pelé envolvendo Bauru seria interessante em termos de marketing. Talvez um monumento ao Pelé seja uma boa ideia para certificar o mundo todo de que foi aqui que ele começou sua carreira. O que dificulta muito é que Pelé jogou pelo BAC, que nem existe mais. Por isso, o tempo passou, a relação entre o craque e a cidade esfriou e a história foi sendo esquecida.

Mudando o foco da conversa, perguntamos a opinião de Rafael Antonio, mesmo sabendo que ele não viu o Rei do Futebol em ação, sobre o rótulo de melhor jogador de todos os tempos.

- Pelos vídeos e relatos, não tenho dúvidas de que ele foi um excelente jogador - diz Rafael - Mas Pelé teve a imagem a seu favor. Leônidas da Silva, por exemplo, não tem quase nada em gravações. Além disso, a 2ª Guerra Mundial impediu que Leônidas disputasse as Copas de 1942 e 1946, canceladas por causa do conflito. Uma série de circunstâncias favoreceu para que Pelé jogasse ao lado de grandes craques no Santos e na Seleção Brasileira. Com

isso, ele ganhou quase todos os títulos possíveis no futebol e alcançou projeção mundial, em nível que atleta nenhum tinha conseguido. Mas penso que outros jogadores foram tão bons quanto Pelé.

## CAPÍTULO 10

### A VELHA GUARDA DO JORNALISMO BAURUENSE

**P**aulo Sérgio Simonetti, hoje com 70 anos, já fez de tudo no rádio bauruense. Foi repórter, locutor esportivo, apresentador, sonoplasta e até representante comercial. Atualmente, Simonetti é diretor de Jornalismo da Rádio 94FM e âncora do Informasom, programa de notícias da emissora.

Chegamos à sede da Rádio um pouco antes do horário marcado, e Simonetti ainda está encerrando o noticiário:

- Agora são 8 horas e 3 minutos. Muito obrigado pela companhia e até amanhã!

Logo depois, Simonetti sai do estúdio e diz, em tom de brincadeira:

- Minha nossa! Vocês já estão por aqui! Não me deixam nem respirar...

Mesmo assim, ele nos conduz até sua sala, indica duas cadeiras e pergunta:

- O trabalho de vocês é sobre o Pelé, não é?

- É sim - respondemos - Você chegou a cobrir a passagem dele aqui em Bauru?

- A primeira vez que cobri uma partida do Pelé

foi quando o Baquinho, time que ele jogava, fez a preliminar de um jogo do BAC. Não me lembro do adversário que Pelé enfrentou, mas fiquei encantado com aquele garoto. E era assim toda vez que ele entrava em campo! Se o BAC ia jogar e a preliminar era do Baquinho, o estádio lotava. Todo mundo queria ver Pelé em campo porque ele era realmente genial...

Paulo Sérgio Simonetti fala com a confiança típica de quem tem mais de 40 anos de experiência de rádio esportivo. E acrescenta em tom de orgulho:

- Quando Pelé foi embora para Santos, os bauruenses já esperavam que ele fosse um craque. Hoje em dia, vemos pela televisão diversos lances fantásticos que ele protagonizou em Copas do Mundo e em grandes jogos por aí. Foram inúmeros chapéus, dribles e gols. Mas o engraçado é que o pessoal de Bauru já conhecia a maioria daqueles recursos do Pelé, porque ele já tinha feito aquilo tudo por aqui.

A entrevista continua com o ritmo acelerado de Paulo Sérgio, que dá seus pitacos sobre o polêmico quesito “melhor jogador de futebol da história”. Para o jornalista, “não havia pancada que parasse Pelé”, o que contribuiu para que ele se tornasse de fato Rei do Futebol. Segundo Paulo Sérgio, Ronaldinho Gaúcho é um atleta mágico, mas que nunca fez o que Pelé fazia. O mesmo é válido, na visão de Simonetti, para os argentinos Diego Maradona e Lionel Messi.

- Na Copa do Mundo de 1958, o Pelé fica-

va pedindo bola! - impressiona-se Paulo Sérgio - Quem é que, aos 17 anos, entra numa seleção com Nilton Santos, Garrincha, Didi e tem a cara de pau de ficar pedindo bola? O Pelé fazia isso. Aí é que vemos a autoestima dele. Por isso ele foi esse craque indiscutível.

A respeito do distanciamento entre Bauru e Pelé, Paulo Sérgio Simonetti é crítico e aposta que a cidade é a responsável por causar esse afastamento. Segundo ele, os bauruenses nunca deram a devida importância ao Rei e tentaram ligar a história de Pelé à de Bauru somente quando ele já era um atleta consagrado mundialmente.

- Este assunto envolvendo Pelé e Bauru é traumático para qualquer bauruense. Não creio que Pelé tenha sido refratário à cidade, Bauru é que é uma cidade fria, esquisita e indiferente - afirma Paulo Sérgio - Não era para virar um supermercado onde Pelé jogou bola, sem desmerecer o estabelecimento. Foi feito lá um "memorialzinho" de quinto escalão que não recupera em nada essa história. Bauru negligenciou e não dimensionou a importância que tem Pelé no mundo e não soube tirar proveito disto. Quando a cidade finalmente despertou, Pelé já era quem ele é. Ele foi condecorado com o título de Cidadão Bauruense e homenageado na Associação de Cronistas Esportivos de Bauru, mas foi pouco. Ele virou o Pelé de Três Corações, o Pelé de Santos, mas na verdade é o Pelé de Bauru. Os primeiros passos dele foram aqui. Foi aqui que ele começou a jogar bola, e isso

não é pouca coisa.

Perguntamos a Paulo Sérgio se ainda existe tempo hábil para que Bauru preste uma homenagem mais assintosa ao Atleta do Século XX. O radialista pensa que sim e nos diz que a melhor opção é um memorial. Segundo ele, o memorial precisa ser “fantástico” e contar com fotos, depoimentos e testemunhos de maneira que repercuta ao redor do planeta e atraia fãs de futebol e admiradores do Pelé de todo o mundo.

Sabendo que Simonetti atua na mídia bauruense há décadas, levantamos a questão:

- O que os veículos de comunicação podem fazer, Paulo?

A resposta é simples, mas sincera:

- Apoiar. Os veículos da cidade deveriam abraçar essa ideia com afinco e levar para frente. Todos os jornais, rádios e emissoras de televisão. Só assim que uma homenagem significativa para o Pelé vai deixar de ser conversa e se concretizar.

- Na sua opinião, o Pelé daria respaldo a essa iniciativa de Bauru?

- Acredito que sim. Em 2004, por exemplo, a 94FM promoveu uma campanha com o slogan “mais Bauru”. Surgiu a ideia de pedir para o Pelé gravar algo sobre a cidade. Na época mandei um e-mail fazendo a solicitação e, através dos contatos de alguns amigos, conseguimos que o Pelé gravasse uma pequena mensagem sobre a cidade. Ele foi muito atencioso. Portanto, se houve algum problema entre Bauru e Pelé, a cidade é mais culpada

do que ele. Nós, que fazemos parte da genuína imprensa bauruense, devemos fazer algo mais contundente e resgatar o vínculo entre o Rei e seu primeiro reino.

### JORNALISTA E EX-SECRETÁRIO MUNICIPAL

A última semana de outubro de 2012 registrou alguns dos dias mais quentes do ano em Bauru, de acordo com informações do Jornal da Cidade. Chegou a fazer 40 graus, recorde para o mês nos últimos 12 anos. Foi sob esse forte calor que saímos de casa, por volta das 9 e meia da manhã. Nem o ar condicionado do carro, em sua máxima potência, conseguia aliviar os efeitos da temperatura alta. Suávamos em bicas.

O sol parecia se esforçar para castigar os bauruenses no momento em que chegamos à galeria onde fica o escritório imobiliário do jornalista Roberto Rufino, na Rua Gustavo Maciel. Nos alegamos com a possibilidade de conversar com Rufino no conforto da sua sala climatizada, mas ele prefere sentar no café da galeria, onde um ventilador de teto, mesmo ligado, faz só figuração.

- O que vão querer? - o atendente é um senhor simpático.

- Uma água de coco, por favor - pede Rufino.

- Para nós, dois sucos de laranja. Com bastante



gelo.

Enquanto os nossos refrescos são preparados, Rufino nos conta que é colunista social do Jornal da Cidade desde 1967, então acompanha de perto os principais eventos e acontecimentos de Bauru há 45 anos. Nesse meio tempo, Rufino passou a atuar também no setor imobiliário e chegou a se aventurar na política, exercendo o cargo de secretário municipal do Desenvolvimento durante a gestão Nilson Costa. E foi justamente durante o período em que foi secretário que Roberto Rufino se convenceu de que Pelé gosta sim de Bauru!

- Posso falar para vocês de três situações que demonstram que Pelé não tem ressentimentos com a cidade - diz o jornalista - Logo que assumi como secretário, meu plano era divulgar um vídeo que tinha como objetivo atrair empreendedores para cá. O vídeo foi produzido e veiculado em português, inglês e espanhol, e contou com o Rei!

De acordo com Rufino, foi possível encaixar a participação de Pelé no vídeo através da intermediação de Daniela Nascimento, sobrinha do ex-jogador, sem pagamento de cachê. E o Atleta do Século XX se mostrou perfeccionista em frente às câmeras, fazendo onze tentativas até a gravação perfeita.

- Outro exemplo que prova o carinho de Pelé por Bauru aconteceu ainda quando eu era secretário - continua Rufino - A Gazeta Mercantil queria investir no nome do Rei do Futebol e procurou a

Prefeitura de Bauru com a intenção de patrocinar a implantação de um museu na casa do Pelé na Rua Sete de Setembro.

O garçom chega com as bebidas. Todos damos longos goles e Roberto Rufino prossegue como se não tivesse sido interrompido:

- O então prefeito Nilson Costa me nomeou presidente do grupo que ficaria responsável por esse assunto. Porém, naquela época o jornalista Luiz Carlos Cordeiro era a pessoa que mais se movimentava na cidade para montar o museu, e acho que ele não gostou que eu presidisse o tal grupo. Nossa amizade até sofreu um estremecimento na ocasião. Apesar disso, sugeri que ele comandasse a iniciativa do museu junto à Gazeta Mercantil, mas ele não aceitou. Depois de tudo isso, a própria Gazeta desanimou e abandonou o projeto. Mas o fato positivo é que o Pelé gostou da proposta, pedindo apenas para ser informado sobre o andamento das coisas. É uma pena que não tenha dado certo.

Questionamos sobre a terceira e última situação que Rufino usaria para afirmar que o Rei do Futebol guarda bons sentimentos em relação à Cidade Sem Limites. O jornalista então nos fala que, em meados dos anos 2000, o escultor Pedro César, de Botucatu, o procurou com a ideia de construir uma estátua de Pelé.

A estrutura teria seis metros de altura e seria posicionada na Avenida Nações Unidas, um dos cartões postais e vias mais movimentadas de

Bauru, nas imediações da Praça da Paz.

- Quando surgiu essa nova ideia, eu ainda era secretário municipal e sabia que a Prefeitura não poderia arcar com as despesas da obra - recorda Rufino - então recorri às empresas privadas. A Tilibra topou abraçar o projeto e estava tudo certo. O Pelé tinha inclusive aprovado o apoio da Tilibra, que era uma instituição muito preocupada com questões de educação, o que agradava ao Rei do Futebol.

- Então por que essa estátua nunca saiu do papel?

- Porque a Tilibra, naquele momento, deixou de patrocinar o Bauru Basquete. Portanto, o empresário Rubens Dario Coube, então presidente da Tilibra, pensou que seria contraditório abandonar uma causa e abraçar outra, já que a empresa estava cortando gastos. Mas o meu ponto é que a Daniela, sobrinha do Pelé, me garantiu que ele viria a Bauru na solenidade de lançamento da estátua. Quero deixar claro que Pelé gosta de Bauru. Só precisamos encontrar um bom motivo para trazê-lo de volta.

## CAPÍTULO 11

### SINGELA HOMENAGEM EM BAURU

**E**ra dia 23 de outubro, data de aniversário de Pelé, e já nós preocupávamos com o prazo para entregar o Trabalho de Conclusão de Curso, quando chegou a informação que o Departamento de Proteção ao Patrimônio Cultural de Bauru estaria promovendo a exposição “O Rei em Bauru”, que retrata a trajetória de Pelé na cidade, em homenagem aos seus 72 anos. O acervo fotográfico e documental exposto foi cedido por Luciano Dias Pires, historiador bauruense já citado algumas vezes neste livro.

Três dias depois da abertura, decidimos visitar a exposição e para isso, buscamos na internet o endereço. Na editoria de cultura do site do Jornal da Cidade de Bauru vimos a seguinte manchete: “Exposição destaca a vida do Rei Pelé em Bauru” e logo abaixo o serviço, com a duração da exposição, horários de funcionamento e telefones para contato.

- Quadra 3 da Rua Rio Branco, centro de Bauru, anotou?

Nem parecia que estávamos em plena primave-

ra sob daquele forte calor que atingia o centro de Bauru. Com um caderno de anotações, uma caneta Bic sem a tampa e uma máquina fotográfica, chegamos até o devido endereço. Uma placa escrita “Departamento de Proteção ao Patrimônio Cultural” nos confirma que acertamos o local. Uma casa antiga, com as paredes restauradas, evidenciando que a construção pertence à antiga Bauru. Dentro, salas espaçosas e um corredor enorme. O local era uma casa que foi adaptada para se transformar num museu. Apesar do espaço amplo, a exposição de Pelé se restringe a uma sala simples, algumas fotos penduradas e cartazes coloridos explicando rapidamente a passagem de Pelé por Bauru.

A camisa do BAC que Pelé usou estava protegida por um vidro transparente logo na entrada da sala. Cópias de jornais da época pendurados por um fio de metal balançavam com o vento que entrava pela porta aberta. O piso de madeira quadriculada irritava pelo barulho que fazia toda vez que um passo era dado.

Na sala ao lado, dois funcionários do Museu estavam sentados em frente a um computador. Um deles comia um sanduíche e o outro jogava Paciência no computador. Estranhamos o fato do pouco movimento no local, pois ficamos cerca de uma hora por lá e não vimos mais ninguém entrar ou sair.

Decidimos ir embora, mas antes vimos uma mesinha, destas de escola mesmo, e uma folha de caderno colada na lateral onde estava escrito

“Favor assinar a lista de presença”. Para nossa surpresa, éramos o 12º e o 13º a assinar, sendo que a exposição já caminhava para seu quarto dia.

Depois de colocarmos nossos nomes, saímos de lá. Ainda olhamos para os lados para ver se alguém se dirigia ao Museu, mas ninguém apareceu. Somente um homem grisalho. Pensamos, talvez, que quisesse ver um pouco da história de Pelé. Mas só ao chegar perto vimos pelo crachá que era mais um funcionário do local. Agora sim, fomos embora.

Conforme já dito, o sol estava castigando e voltávamos a pé do centro de Bauru. Ainda próximo ao local da exposição, o bar do Seu Plínio nos convidava a tomar uma cerveja gelada. Às 11 horas da manhã, apenas um senhor de camisa branca com um cigarro Derby na mão nos fazia companhia.

- O senhor conhece Pelé? – perguntamos.

- Conheço, lógico. Quem não conhece? – responde o senhor, parecendo estar feliz por termos puxado assunto.

- Ali embaixo na quadra 3 tem uma exposição sobre ele. O senhor já viu?

- Ouvi falar, mas é pouca coisa, né? – responde ele, dando o último trago no cigarro e o apagando na calçada.

- Sim, mas dê uma passadinha por lá se tiver um tempo.

- Ah sim! Se der passo por lá. É que a vida tá corrida, rapaz. Sabe como é que é, né? – diz o senhor.

Tomamos duas cervejas e seguidos o caminho. Fizemos o convite da exposição àquele senhor, mesmo sabendo que ele não estava interessado. Realmente não havia muito acervo no local, mas vários bauruenses não devem saber nem metade da história que ali está registrada. A conversa com o idoso no bar, assim como a lista de presença com as poucas pessoas que visitaram a exposição provam isso muito bem.

Será que faltou divulgação? O evento em si não foi muito atrativo? Ou então, o tema não era de interesse da população? Acreditamos que a exposição foi bem divulgada, pois vimos notícias em jornais e portais na internet. O simples fato de haver uma homenagem a Pelé em Bauru já é um evento convidativo. Resta-nos a última opção: não é de interesse da população da cidade saber a história de Pelé na cidade.

## CAPÍTULO 12

### SOBRE O LIVRO DE CORDEIRO

Um dos únicos livros que retratam a trajetória de Pelé em Bauru chama-se “De Edson a Pelé - a infância do Rei em Bauru”, de Luiz Carlos Cordeiro, falecido em 2010, aos 68 anos, vítima de um infarcte. O livro reconstitui a trajetória de Pelé durante os 11 anos que morou em Bauru e se assemelha a este que produzimos, visto que Cordeiro entrevistou vários personagens da infância do Rei, assim como pessoas ligadas intimamente a ele. Cordeiro, porém, se limitou a comentar sobre a infância de Pelé e não entrou na discussão sobre o distanciamento deste com a cidade de Bauru e vice-versa.

Queríamos saber como foi para Cordeiro escrever este livro, os desafios que ele encontrou e o que pensa da relação entre Pelé e Bauru. Para isso, entrevistamos o filho dele. Em 2010, o administrador Carlos Eduardo Cordeiro assumiu a revista *Atenção*, da qual o pai era proprietário. Logo que soube do nosso contato para uma possível entrevista, Carlinhos, como é chamado, se animou bastante, mas lamentou a ausência do pai.

- Ele iria amar falar sobre isso com vocês. É uma



pena não ser possível. Mas no que puder ajudar, estou à disposição – disse Carlinhos, pelo telefone.

Agendamos uma entrevista na sede da Revista Atenção, em um pequeno escritório localizado no final da Avenida Nossa Senhora de Fátima, em Bauru. Ao chegarmos lá, nos deparamos com as últimas publicações da revista, que é de publicidade e jornalismo, voltada ao público bauruense. Dentro do escritório, apenas duas mesas e dois funcionários. Uma mulher morena, jovem de cabelo negro e um homem magro e calvo em um computador.

- Carlinhos, os meninos já chegaram. O senhor está a caminho? – disse a menina, ao telefone.

Já sabíamos que aquele outro funcionário da empresa não era o filho de Cordeiro. Teríamos que esperar mais um pouco. Um pouco não, pois ele chegou com um atraso de 40 minutos, mas foi muito simpático conosco.

- Olá, vocês são os estudantes? Me desculpem pelo atraso, vamos nos sentar ali? – diz Carlinhos, apontando para uma mesa com quatro cadeiras, no canto esquerdo da sala.

Nos apresentamos e explicamos o objetivo do nosso trabalho. Ele se mostrou feliz e novamente citou o pai. Percebemos que Cordeiro era muito importante, não somente para o filho, mas também para a história de Bauru. Sem nos alongarmos muito, Carlinhos já se põe a falar:

- O meu pai sempre foi apaixonado por Bauru, motivo pelo qual criou a revista. E também é um

apaixonado por Pelé. Um pouco antes de morrer, ele estava com uma biografia autorizada do Pelé, que ele mesmo escreveu, recebeu os direitos autorais e iria lançar o livro em janeiro de 2011, mas morreu em outubro de 2010.

Carlinhos comenta ainda que o projeto está parado na editora e que o prefácio do livro é do ex-jogador Tostão. É a versão atualizada do livro “De Edson a Pelé”, com assuntos que faltaram, entre eles, uma entrevista com Pelé, em que Cordeiro se encontrou com o Rei, em São Paulo, onde conversaram durante duas horas.

- Pelé conhecia meu pai. Acima de tudo, tinha respeito por ele. Sabia que aquele era o jornalista que fez a biografia do Rei – se emociona Carlinhos.

Uma pausa para tomar água e outra para atender o celular. Depois disso, Carlinhos prossegue comentando sobre a dificuldade do pai de conseguir homenagear Pelé, em Bauru. Segundo ele, houve uma tentativa de trazer um museu para o Rei do Futebol, por iniciativa de Luiz Carlos Cordeiro. A homenagem não foi concretizada por interesses políticos e falta de vontade:

- Meu pai tentou, por duas vezes, trazer a estátua de Pelé para cá. Conversou com três grandes empresários, que no fim deram para trás. Assim como o Museu, meu pai buscou patrocínio, levantou a verba, mas também não deu certo. Na época, Pelé ficou sabendo que um banco particular estava por trás do projeto e não quis mais.

Em seus depoimentos, Carlinhos se mostrou

magoado com a situação e principalmente pelo fato de seu pai ter morrido sem conseguir prestar uma homenagem a Pelé. Queríamos saber dele a opinião sobre o distanciamento entre as duas partes.

- Carlinhos, existe um distanciamento entre Pelé e Bauru?

- Pelé não tem vínculo com a cidade para, por exemplo, vir pra cá todo ano e dizer: “Oi pessoal de Bauru, estou aqui”. Ele já não tem mais família aqui, não tem filhos, parentes, ninguém. Outra coisa é a agenda internacional dele, sabemos disso. Quem diz que Pelé tem mágoas de Bauru porque não aparece por aqui, na verdade não sabe o que está dizendo. Ele sempre fala da cidade, da importância de Bauru em sua infância.

- E a solução para isso? – perguntamos.

- Ter uma pauta. Eu não sou jornalista, sou administrador de empresas, mas sei que tem que ter um motivo para Pelé voltar a Bauru. Para uma homenagem justa, muito dinheiro está em jogo. Seja um museu ou uma estátua, deve haver mais pessoas interessadas e não só dois ou três gatos pingados – conclui Carlinhos.

Depois de toda a entrevista com Carlinhos, ainda estávamos curiosos para saber mais sobre o livro que não foi lançado por Cordeiro. Então, voltamos ao assunto. Nós dois queríamos ter acesso ao livro, será que era possível? Não custa perguntar.

- Ainda sobre o livro que não foi lançado, existe alguma maneira de termos acesso? O nome foi

alterado?

- O livro se chama “Pelé: de Bauru para o mundo”. Nós entramos em contato com a editora do projeto, que está parado. Eles não autorizam o acesso ao livro e estão esperando uma ocasião especial para lançá-lo. Em 2010, Pelé completou 70 anos, mas meu pai morreu. Agora estão esperando outra data específica. Precisamos ver como está a situação lá na editora. Eu sou empresário, meu pai é escritor, jornalista. Ele que sabia das coisas, não eu. Mas acho importante a divulgação. Pelé é o quarto nome mais lembrado em todo o mundo. Bauru precisa de uma homenagem. Quando ele fez 70 anos, nada mais além do comum foi feito por aqui. Adolescentes bauruenses de 15, 20 anos, não sabem que Pelé começou a jogar bola em Bauru. É uma situação muito triste.

Finalizamos nossa entrevista com Carlinhos com a vontade de aparecer na editora a fim de ler o livro de Cordeiro. Saber das coisas a mais que ele colocou em seu livro e principalmente da entrevista que teve com Pelé. Carlinhos, antes de ir embora, nos disse que uma parte da entrevista estava disponibilizada no site da Revista Atenção. E ao chegarmos em casa, a primeira coisa que fizemos foi entrar na internet e digitar o endereço no campo de pesquisa.

A seguir, leitor, estão trechos da entrevista feita em julho de 2007, portanto três anos antes de morrer, em que Luiz Carlos Cordeiro entrevista o Pelé para a Revista Atenção. A entrevista está

disponível no site da revista.<sup>3</sup>

**Revista Atenção:** *Você tem alguma mágoa de Bauru?*

**Pelé:** Eu não sei porque alguns bauruenses imaginam isso. Nada tenho contra Bauru. Pelo contrário, jamais esqueci Bauru, cidade onde aprendi muita coisa em minha vida. Lá fiz o primário, a admissão, aprendendo a ler e a escrever, comecei a jogar bola, ganhei meus primeiros amigos. Meus pais e demais familiares foram muito feliz lá.

**Revista Atenção:** *Então porque você não vai mais pra lá?*

**Pelé:** Mesmo depois que saí de Bauru, voltei lá inúmeras vezes, além de visitar meus familiares, visitando amigos, batendo bola com ex-companheiros. Depois, voltei quando recebi o título de Cidadão Bauruense e fizemos aquele jogo. Em 1976, fui morar em Nova Iorque, jogar no Cosmos e minha vida, a partir daí, se modificou. Mesmo assim não perdi contato com meus amigos de lá, mantendo contatos pessoais mesmo em Bauru, Santos, Guarujá, por correspondência. Na verdade tem faltado tempoe algum motivo especial. As vezes fico meses sem ver minha mãe, por causa

---

<sup>3</sup> <http://firstsite2.travelnet.com.br/40/template>.

das viagens constantes ao exterior e pelo Brasil.

**Revista Atenção:** *Queremos fazer uma homenagem ao Pelé, em Bauru. Você iria lá para recebê-la?*

**Pelé:** É claro. Basta você me avisar com antecedência que eu me programarei para isso, com muito prazer. Será bom rever meus amigos de lá.

Revista Atenção: E de que amigos você se lembra?

Pelé: Sempre tive muitos amigos em Bauru. Apesar de tanto tempo passado, me lembrou com carinho de meus irmãos Raul e Raquel, da Neusinha, do Nito Sakai, Nivaldo Alle, Pico e Lavico, Eliseu Fornetti, Seu Antônio e vizinhos de fundos da minha casa na Rubens Arruda, do Aniel, tem muita gente...

**Revista Atenção:** *Quem era o craque nos seus times em Bauru?*

**Pelé:** O Baquinho, Radium, tinham excelentes valores. Olha, Cordeiro, eu me lembro do Edir, Dulfi, Paçoca, Vitor, Cangerê. Alguns jogariam em qualquer time grande da época.

Revista Atenção: E por que não se formaram em grandes craques?

Pelé: Alguns não tentaram, outros não conseguiram porque o futebol é muito complexo. As vezes, a iniciação é muito boa e não tem continuidade no profissionalismo. Ou falta de sorte.

**Revista Atenção:** *Você jogou em vários times em Bauru. Como era, especialmente, o Baquinho?*

**Pelé:** O Baquinho era também uma escola de disciplina. Tanto meu pai, o Dondinho, nas categorias maiores, como o Valdemar de Brito, no infanto-juvenil, eram muito disciplinadores e além do futebol, observavam também o comportamento dos jogadores. Era um importante trabalho de base, que aproveitamos para implantar nas categorias de base do Santos há alguns anos.

**Revista Atenção:** *Não falta hoje, o futebol de rua, dos campinhos?*

**Pelé:** Exatamente. Isso é uma das coisas que nós chamamos a atenção. Até por causa daquelas brincadeiras em que jogavam 15 contra 15, 20 contra 20. Quem ia chegando ia entrando. Aquilo dava muita habilidade para os garotos, que precisavam ter raciocínio rápido e muito reflexo para não perder a bola. (em Bauru, Pelé jogava também no 'Vai quem quer', conforme cita o livro 'De Edson a Pelé – a Infância do Rei em Bauru'. No futebol de salão acontece a mesma coisa, necessitando de raciocínio muito rápido em cada jogada, porque o espaço é pequeno.

**Revista Atenção:** *Como conseguia jogar entre marmanjos, em Bauru?*

**Pelé:** Olhando no livro, até estranho como um molequinho daquele conseguia jogar entre tanta gente grande, alguns até casados. Eu tinha 12, 13, 14 anos. E isso acabou me ajudando no Santos, pois aquele aprendizado de jogar com adultos me tirou a inibição. Quando cheguei no Santos, era pra treinar nos juvenis, meu pai e o Valdemar falaram pra me colocar no treino com os profissionais, pois, apesar de raquítico (como achava o Lula), eu não iria estranhar. Mesmo porque, já tinha treinado entre os profissionais do Noroeste, feito jogos pelo seu time misto.

**Revista Atenção:** *Como foi nos treinos do Noroeste?*

**Pelé:** Treinei com Mingão, Zulú, Tomazzi, Pedro, Ranulfo. De certa forma, eles não ‘apalpavam’. E quando iam dividir comigo, diziam as vezes ‘sai daqui, moleque!’. Tudo me ajudou, pois com 16 anos, era titular do Santos, depois fui pra seleção e com 17 anos fui campeão do mundo.

**Revista Atenção:** *Bauru ou Três Corações?*

**Pelé:** A base que tive de educação foi em Bauru, conforme já disse, onde aprendi muita coisa importante para minha vida. Inclusive os mineiros de Três Corações reclamam quando digo que sai de Bauru para o Santos e do Santos para o mundo. Eu nunca disse que não nasci em Três Corações,



ou que não gosto de Três Corações. Pelo contrário, até digo que sou homem de três corações. Por isso sou forte. É uma ciúmeira boba que as vezes acontece com Bauru. Gosto de Bauru e jamais neguei minhas origens. Nasci em Três Corações, passei minha infância em Bauru até os 16 anos e depois fui para o Santos. E em Bauru ainda tenho vários amigos.

**Revista Atenção:** *E uma mensagem para Bauru no aniversário da cidade?*

**Pelé:** Um abraço para o Raul, Raque, Pico, Aniel, aos meus amigos de infância e a todos os bauruenses. Jamais esqueci desta cidade. Logo estarei aí.

**Revista Atenção:** *Soube que o BAC foi derrubado?*

**Pelé:** Sim e fiquei muito triste. Infelizmente, muitos clubes sociais estão fechando no Brasil e clubes de futebol passando por dificuldades financeiras. O BAC foi o time de meu pai e lá joguei um bom tempo. Senti bastante.

## CAPÍTULO 13

### PODER PÚBLICO DE BAURU

Neste ano de eleições municipais em todo o Brasil, não foi fácil conseguir uma brecha nas abarrotadas agendas dos políticos de Bauru, principalmente do prefeito Rodrigo Agostinho. Após o pleito - que reelegeu Rodrigo com 82% dos votos, ainda no primeiro turno, de acordo com o site do Tribunal Superior Eleitoral - finalmente conseguimos marcar um horário com o chefe do Poder Executivo do município.

O local combinado para a entrevista foi o prédio da Prefeitura Municipal, na Praça das Cerejeiras, um amplo espaço com grandes árvores. Na recepção, informamos que tínhamos uma entrevista com o prefeito. Prontamente nos mandam subir e nos dão duas opções: à esquerda, pelo elevador e à direita, pelas escadas. Optamos pelo caminho mais saudável e subimos três exaustivos andares até chegar ao gabinete de Rodrigo. Ele se atrasou: foram 35 minutos de espera, durante os quais tomamos um café com a assessora de imprensa da Prefeitura, Mara Cerquetani. Quando a informamos sobre o tema do nosso trabalho, ela disse:

- Nossa! Eu não gosto do Pelé, não! Nunca fui fã de futebol, então não tenho o mínimo carinho por ele. Dada a importância do que a figura dele representa, ele poderia ter abraçado mais causas sociais.

Neste momento, Rodrigo Agostinho entra apressado na sala. Ele é adpeto de um visual um pouco diferente da maioria dos prefeitos: usa camisa xadrez dobrada nos cotovelos, calça jeans, tênis de trilha na mata e um relógio prateado no braço esquerdo. No peito, o prefeito carrega, assim como todos os servidores municipais, um crachá de identificação.

- Até você precisa usar crachá? - perguntamos.

- Se eu não usar, não entro aqui - se diverte Rodrigo.

Não entendemos se ele fala a verdade ou se conta uma piada. Então damos início à entrevista. O primeiro tópico abordado é a casa de Pelé na Rua 7 de Setembro, em Bauru.

Para que o leitor possa se contextualizar, é importante dizer que a casa em questão foi um grande incentivo para que nós, autores deste livro, escolhêssemos o assunto “Pelé e Bauru” como o tema do trabalho.

Segundo depoimentos que colhemos com os amigos de Pelé, o Rei nunca chegou a morar na casa, localizada na quadra 4 da Rua 7 de Setembro, região central da cidade. O imóvel foi adquirido com o dinheiro da premiação que o jovem craque recebeu após a conquista da Copa do Mundo de 1958,

na Suécia. No entanto, os pais de Pelé, Dondinho e Celeste, viveram na residência até 1962, quando partiram em definitivo para Santos. Pelé ficava hospedado nessa casa quando vinha a Bauru e por isso que o prédio é conhecido até hoje na cidade como a “casa do Pelé”.

Segundo o prefeito, em maio de 2010, o Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Bauru (Codepac) decidiu pelo tombamento histórico da construção. Porém, até hoje a casa continua abandonada. A “decoração” externa é composta por pichações, muros mal cuidados e pintura desbotada, enquanto o interior do imóvel é reduto de usuários de drogas.

Além disso, existe um imbróglio judicial envolvendo a casa, conforme nos explica Rodrigo Agostinho:

- Hoje este imóvel esta no nome da irmã do Pelé. A Prefeitura tem uma dificuldade porque nossa avaliação da casa é meramente patrimonial, enquanto a família entende que deve ser levada em conta a questão histórica e por isso o imóvel deveria ter um valor maior. A Prefeitura tem vontade de adquirir este imóvel e colocar ali um memorial do esporte da cidade. Estamos nos deparando com essa dificuldade de avaliação, então provavelmente a solução será a desapropriação por via judicial, em que um perito nomeado pela Justiça definirá o valor exato. A família do Pelé quer um valor muito acima do que a Prefeitura entende que valha o imóvel.

Quando perguntamos sobre o prazo, Rodrigo recua um pouco e afirma que o processo na Justiça é demorado e que a própria Prefeitura ainda não entrou com pedido de desapropriação judicial. De acordo com o prefeito, a família do Pelé não quer doar o imóvel.

- Seria uma boa estratégia de marketing associar Bauru a Pelé? - indagamos o prefeito.

- Estamos tentando trazer a Bauru uma das delegações que vão disputar a Copa do Mundo de 2014, aqui no Brasil. Essa seleção treinaria e ficaria hospedada aqui na cidade. Isto é real, existe uma chance grande e o próprio Ministro dos Esportes, Aldo Rebelo, disse que o ponto mais chamativo de Bauru é o fato de ser a cidade onde Pelé nasceu para o mundo da bola. Além disso, toda essa história envolvendo Pelé e Bauru pode, no futuro, contribuir para que a cidade volte a ser um celeiro de atletas e produzir jogadores para todo o Brasil. Basta investir nas categorias de base.

Depois disso, conversamos com Rodrigo Agostinho especificamente sobre o distanciamento entre Bauru e Pelé. O prefeito define a relação como uma “questão enigmática” e usa a experiência de sua própria vida para exemplificar:

- Quero acreditar que este distanciamento é apenas uma questão geográfica, já que Pelé não tem mais a família aqui em Bauru. Eu mesmo nasci em Cafelândia, mas apenas nasci lá, e as pessoas perguntam por que eu nunca mais voltei à cidade. Mas eu só nasci lá, morei minha vida toda aqui.

Pelé hoje mora em Santos e tem uma idade avançada, embora não aparente. É uma pessoa disputada no mundo inteiro para participar de eventos esportivos e tem uma agenda apertada, por isso que não voltou a Bauru tanto quanto desejávamos.

No final da entrevista com Rodrigo Agostinho, mesmo sabendo que ele não é fã assíduo de futebol e que não viu Pelé jogar, tocamos no assunto técnico: o ex-jogador do Baquinho foi mesmo o melhor da história? Para responder, o prefeito cita a si mesmo mais uma vez:

- Os atletas de hoje são amparados por suplementos e treinamentos altamente especializados. Na época do Pelé, a técnica e o talento contavam mais. É possível que surjam atletas com preparo físico melhor que o de Pelé, mas atualmente contamos com o auxílio da tecnologia. Eu mesmo tenho problemas nos joelhos e com a fisioterapia eu consigo correr uma maratona inteira. Este ano corri uma maratona de 42 quilômetros e não foi apenas esforço pessoal. Profissionais de inúmeras áreas me ajudaram a suportar correr toda essa distância. Antigamente não tinha muito disso. Mas quando colocamos esses fatores na balança, percebemos que o Pelé, uma pessoa muito simples, conseguiu chegar muito longe, o que prova todo o talento dele.

## A VIABILIDADE DO MUSEU

Um dia depois de nossa conversa com o prefeito Rodrigo Agostinho, voltamos mais uma vez à Prefeitura de Bauru, desta vez para falar com dois secretários municipais: Elson Reis, da Cultura, e Roger Barude, dos Esportes. O primeiro a nos receber é Elson Reis. Este, ao contrário de Agostinho, foi pontual. Nós o esperávamos em uma sala ao lado da que entrevistamos o prefeito. Aguardamos sentados em um sofá marrom de couro, já bem usado e o calor no local nos incomodava. Será que ninguém pensou em abrir as janelas para ventilar um pouco? Elson parecia se incomodar também, pois suava muito na cabeça e na testa. Mesmo assim, prosseguimos com as habituais perguntas.

Explicamos a ele o tema de nosso trabalho e ele já começa a falar:

- Acho que existe sim um distanciamento entre Pelé e Bauru, até mesmo por parte da população. Segundo o imaginário popular, ele preteriu Bauru, citando a cidade apenas como um local de passagem, e não como o lugar onde ele iniciou a carreira. No entanto, vejo uma situação dupla, em que os bauruenses rejeitam a pessoa Edson ao mesmo tempo em que exaltam Pelé, tendo orgulho em afirmar que foi aqui que ele deu os primeiros chutes.

- Vocês aceitam um café? - pergunta gentilmente a assessora da prefeitura, que acompanhava a entrevista com o Secretário de Cultura.

- Acho que uma água gelada seria melhor – se antecipa Elson. Concordamos de imediato. Um café não combinaria com o tempo quente daquela manhã.

Em seguida, contamos a Elson Reis que muitos dos nossos entrevistados, entre amigos do Rei e jornalistas, cobram do município uma homenagem a Pelé. O secretário concorda que Pelé merece ser homenageado por Bauru. Mas com ele é membro do Poder Executivo, precisa considerar antes as dificuldades em instalar um novo museu na cidade.

Segundo Elson, Pelé justifica a criação de um museu, mas seria necessário contar com a doação de um grande número de materiais referentes à história do Atleta do Século XX, além de muitas fotos, vídeos e depoimentos de pessoas que conviveram com o ex-jogador.

Além disso, o secretário lembra as dificuldades financeiras em manter um museu exclusivo para Pelé: seria necessário encontrar um local, adequar o espaço para receber o público, fornecer segurança, remanejar funcionários, providenciar manutenção e, acima de tudo, conseguir um acervo numeroso e de qualidade que atraia o público.

Uma alternativa seria implantar uma sala dedicada exclusivamente a Pelé no Museu Histórico Municipal de Bauru.

- Nós temos o Museu Histórico Municipal, que pode receber o espaço do Pelé. - afirma Elson Reis  
- Mas, para isso, precisamos de material. Já soli-



citamos que o próprio Pelé doasse alguns itens para a elaboração de um trabalho legal, mas não obtivemos resposta. Tudo bem que o Pelé é o Pelé e justifica qualquer homenagem, mas hoje temos cinco unidades de museu em Bauru que exigem toda uma estrutura de manutenção. Então antes de decidirmos pela criação do Museu do Pelé, é preciso fazer uma análise menos apaixonada e mais administrativa.

#### O SECRETÁRIO QUE ALMOÇOU COM PELÉ

- Roger, larga essa bola e vem comer!
- Mãe, já vou!
- Vem logo, menino! Agora!

Foi com essa bronca que Roger Barude, atual secretário municipal de Esportes de Bauru, foi obrigado a deixar o jogo de lado e se juntar à mãe e à família de Pelé para um almoço, quando tinha apenas 12 anos de idade, na casa do Rei do Futebol, em Santos.

Segundo Roger, sua mãe é amiga íntima de Lúcia, irmã de Pelé. O secretário é bauruense, mas morou em Santos durante 8 anos e tem forte ligação com a cidade da Baixada. Apesar de palmeirense, tem uma cadeira cativa na Vila Belmiro e seu filho é santista. E Roger teve o privilégio de almoçar ao lado do ex-craque.

- Por causa do bom relacionamento da minha

mãe com a família Arantes, tive a oportunidade de almoçar na casa do Pelé. Ele fez um peixe para a gente, um robalo. Pude constatar, pessoalmente, que o Pelé é um cara incrível e humilde - conta o secretário.

Logo depois da nossa entrevista com Elson Reis, Roger Barude vai logo falando:

- Existe mesmo um distanciamento entre Bauru e Pelé, mas tenho um projeto que tem como objetivo acabar com esta especulação de que Pelé tem mágoa da cidade. Ninguém tira de Bauru que Pelé aprendeu a jogar futebol aqui, no BAC.

Imagine você, leitor, uma praça temática em homenagem ao Atleta do Século, em Bauru. No centro desta praça, uma estátua em tamanho natural do Pelé, vestindo a camisa 10 da seleção brasileira. Agora, imagine o gesto mais simbólico dele ao comemorar um gol: o soco no ar. É dessa maneira que Roger Barude tenta viabilizar o projeto da construção da praça. Assim, as pessoas poderiam tirar fotos ao lado do monumento e haveria a possibilidade de reaproximação com o Rei do futebol.

- A ideia é construir essa praça do Pelé em algum ponto da Avenida Nações Unidas, a via mais movimentada da cidade - explica Roger - O local seria adequado de uma forma que tudo remetesse ao futebol. Os orelhões seriam no formato de bola, por exemplo. E o mais importante é que nosso intuito é inaugurar a praça na presença do Rei do Futebol, em uma data em que ele estiver disponível.

O grande problema é justamente é encontrar uma data. O projeto é bem bonito, interessante e realmente seria um grande passo para reaproximar Pelé de Bauru e vice-versa. Então indagamos o secretário sobre um prazo mais concreto para a realização da grande obra. Um pouco desconfortável, Roger admite que não existe uma data específica, mas tenta nos confortar dizendo que o projeto sairá entre os próximos quatro anos:

- A ideia é inaugurar a praça na atual gestão do prefeito Rodrigo Agostinho – finaliza Roger – vale lembrar que Rodrigo foi reeleito em 2012, portanto vai estar na liderança do poder executivo bauruense até 2016.

Em tom de fim de conversa, perguntamos, de forma despretensiosa:

- Você não chegou a ver Pelé jogar, né, Roger?

- Vi sim! - a resposta nos surpreende - Em 1975, ele veio a Bauru e fez aquele jogo de despedida pelo BAC, depois que recebeu o título de Cidadão Bauruense. Eu tinha 7 anos e estava presente, lembro até o local em que estava no estádio. Até fiquei frustrado porque logo no início da partida Pelé não fez nada, mas destruiu ainda no primeiro tempo, jogou muito. Foram três gols do Rei só antes do intervalo! Eu assisti atrás do gol, no alambrado, e o vi em ação aqui em Bauru. Fantástico!

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Prezado leitor, você deve ter percebido que até aqui nós apresentamos os fatos e opiniões sobre a relação entre Pelé e Bauru que colhemos através de pesquisas e entrevistas. Nós nos informamos por meio de livros, recortes de jornal, páginas na internet e, principalmente, contato com diversas pessoas.

Conversamos com velhos amigos do Rei, jornalistas, historiadores, professores e representantes do poder público municipal. Com mais de 20 relatos, o objetivo foi possibilitar que o leitor desenvolvesse sua própria visão a respeito do distanciamento entre o Atleta do Século XX e a Cidade Sem Limites.

Agora chega o momento em que nós, os autores, colocamos no papel as nossas impressões sobre esse polêmico assunto. Talvez consigamos contribuir para que você forme seu próprio conceito.

Quando tivemos a ideia de iniciar este trabalho, pensávamos que Pelé era o grande culpado pelo afastamento em relação a Bauru. Afinal, por que ele nunca dera a devida atenção à cidade que o

acolheu e possibilitou que crescesse no futebol?

No entanto, conforme nos aprofundamos no tema, percebemos que as coisas não eram exatamente da maneira que achávamos. Com nossas pesquisas, descobrimos que Pelé não era tão distante assim em relação a Bauru. Quando questionado, o ex-jogador sempre fala com carinho sobre a cidade, lembrando os velhos amigos e os bons momentos que viveu aqui. Alguns bauruenses com quem mantivemos contato costumavam criticar o fato de que Pelé se referia a Bauru somente quando outra pessoa mencionava a cidade. É verdade, mas, pensando bem, o que Pelé poderia fazer? Subir no palanque de um grande evento da Fifa (Federação Internacional de Futebol Associado) ou da ONU (Organização das Nações Unidas) e começar a discorrer sobre sua infância em Bauru? Não faria sentido algum.

Pelé não pisa em Bauru há mais de 30 anos, o que é mais um alvo de críticas por parte de algumas pessoas. Mas acreditamos que o fato é compreensível. A agenda do Rei do Futebol está cheia de compromissos comerciais, sociais e esportivos em todo o Brasil e em todo o mundo. Além disso, Pelé não tem mais familiares aqui: seus pais deixaram a cidade em 1962 e foram para Santos e nenhum de seus filhos mora em Bauru. Portanto, Pelé não tem motivo para fazer visitas rotineiras.

Outro ponto que nos chamou a atenção foi o carinho de Pelé pelos antigos amigos. Apesar de ter chegado ao topo do mundo esportivo, o craque

jamais deixou de lado as velhas amizades e sempre tratou com respeito e carinhos as pessoas que conheceu em Bauru. Entre os amigos do Rei que entrevistamos, o consenso é que não existe razão para ressentimento.

Por outro lado, Bauru parece dar pouco valor ao fato de ter recebido um dos maiores esportistas da história. Conforme você, leitor, já viu neste livro, o estádio onde Pelé jogava já não existe mais, seu imóvel está abandonado e nenhuma grande homenagem lhe foi prestada. Existem muitos projetos, porém pouca ação, no sentido de reaproximar Bauru de Pelé.

Mudamos de opinião. Se antes achávamos que o maior expoente do afastamento entre Bauru e Pelé era o ex-jogador, passamos a acreditar que a maior parcela de culpa é da cidade.

Com este trabalho, esperamos chamar a atenção e fazer Bauru perceber que não pode perder seu filho mais ilustre para o esquecimento. Torcemos para que iniciativas, públicas e privadas, possibilitem a volta do gênio à sua casa. E que essa relação deixe de ser de desamor, mas apenas de amor.

## FOTOS

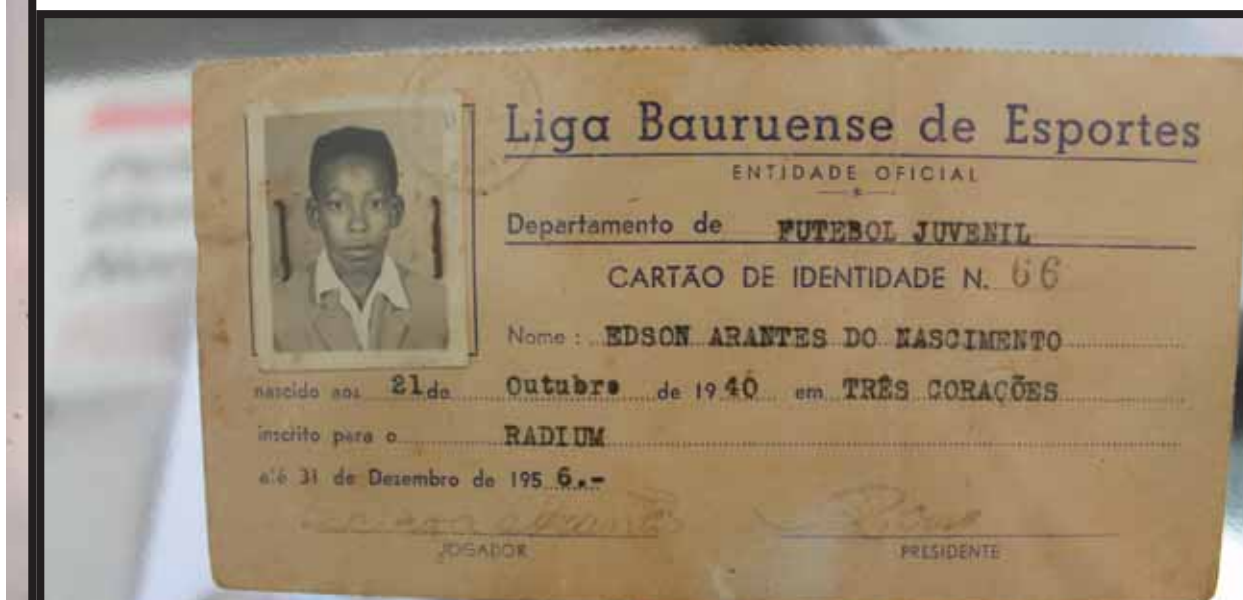
A seguir, leitor, você verá algumas fotos feitas por nós durante a produção do livro. Essas imagens foram coletadas por meio dos acervos fotográficos dos nossos entrevistados.



*Pelé, ao fundo, no quintal da casa de Raul, que na foto está ao seu lado. Esta é uma das primeiras fotos de Pelé que se tem registro.*



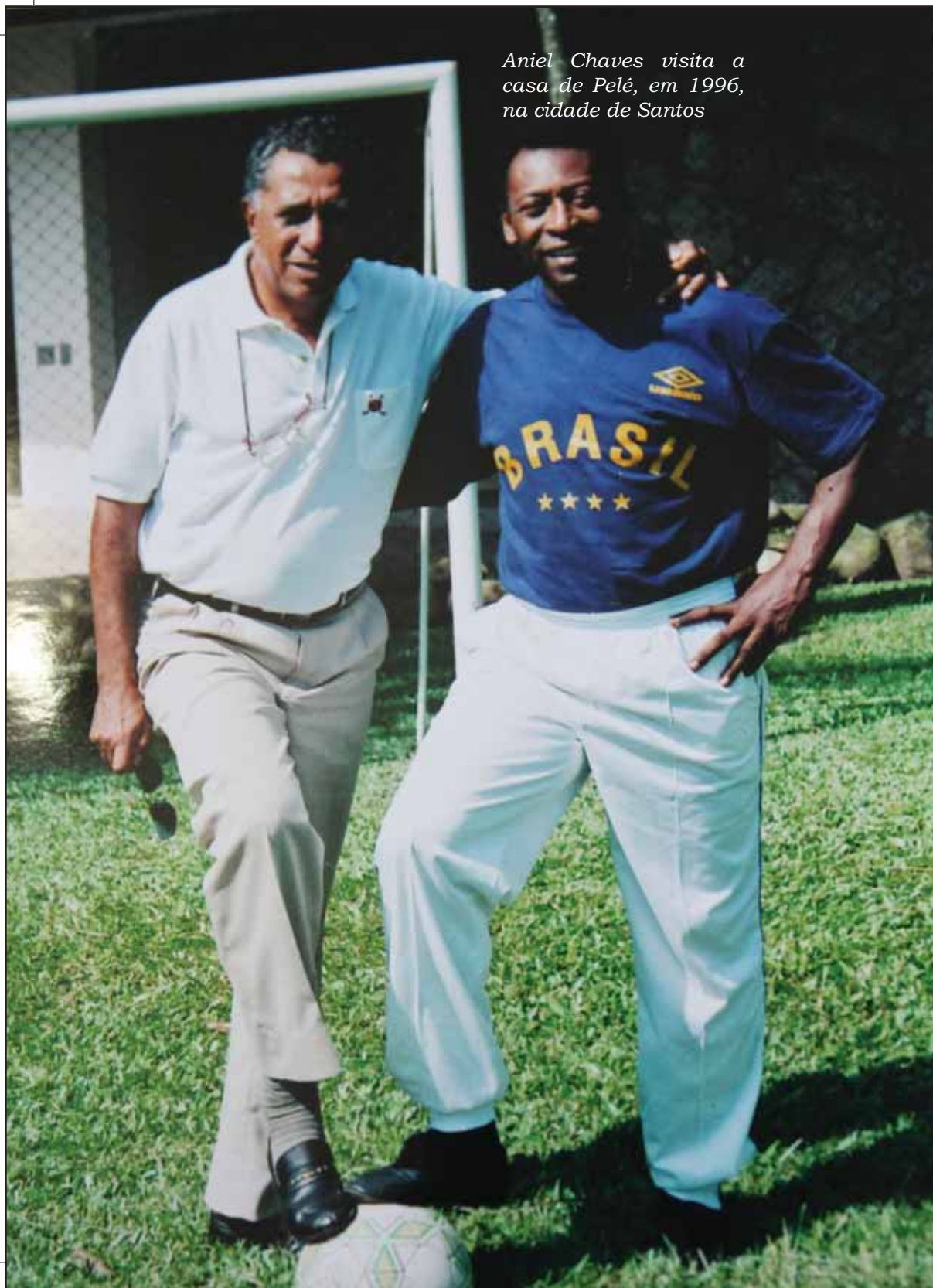
*Aniel abraça Pelé. Ao fundo, Raul Marçal. Esta era a casa de Raul. 1975*



*Cartão de inscrição do menino Edson, quando jogava pelo time de salão do Radium, em Bauru, no ano de 1956*



*Aniel Chaves visita a casa de Pelé, em 1996, na cidade de Santos*





*Foto do álbum de Anivel Chaves. Nela, Pelé recebe o título de cidadão bauruense, na Câmara dos Vereadores de Bauru, em 1975*



*Nero Bergamini, o Frangão, reencontra Pelé depois de mais de trinta anos. Foi em Jundiá, em 2010*



*Pelé ao lado do irmão branco, Raul Marçal, em 1977, em um hotel de Nova Iorque*



*Pelé é escoltado pelo delegado Aniel Chaves, em sua chegada a Bauru para receber o título de cidadão bauruense, em 1975.*

*Camisa que Pelé usou quando jogava pelo Baquinho, no começo da década de 50.*







*Pelé, agachado, ao centro,  
campeão pelo Radium, em 1955*



*Pelé se refrescava na piscina quando recebeu a visita do amigo Aniel Chaves. Bauru, 1975*



*Porta-retrato de Cesar Savi. Pelé, ao centro, joga bola com funcionários do Banco de Minas, em Bauru, no ano de 1963*



*Raul Marçal guarda o ingresso de despedida do jogo de Pelé pelo Cosmos, em 1977*





*No Jogo da Saudade, Pelé reencontra os amigos que deixou em Bauri. 1975*



